



Caderno do
Formador
Oficinas



MORAR BEM
VIVER MELHOR



Governo do Estado de São Paulo

Geraldo Alckmin

Governador

Márcio França

Vice-Governador

Secretaria da Habitação do Estado de São Paulo

Rodrigo Garcia

Secretário

Nelson Baeta Neves Filho

Secretário Adjunto

Roberto Lucca Molin

Chefe de Gabinete

Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano

Nédio Henrique Rosselli Filho

Diretor Presidente

Euvanda Gonçalves de Moraes

Chefe de Gabinete

Carlos Alberto Fachini

Diretor Administrativo-Financeiro

Ernesto Mascellani Neto

Diretor de Atendimento Habitacional

Nourival Pantano Júnior

Diretor de Assuntos Jurídicos e de Regularização Fundiária

Aguinaldo Lopes Quintana Neto

Diretor Técnico

Elisabete França

Diretora de Planejamento e Projetos



Concepção do projeto

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO HABITACIONAL E URBANO

Ernesto Mascellani Neto

Diretor de Atendimento Habitacional

José Lucas Cordeiro

Superintendência de Desenvolvimento Social

Colaboradores

Gerência de Ação Institucional Integrada/GAII

Gerência de Orientação Social/GOS

Gestão dos processos de produção editorial

FUNDAÇÃO CARLOS ALBERTO VANZOLINI

João Amato Neto

Presidente da Diretoria Executiva

Guilherme Ary Plonski

Diretor da Área de Gestão de Tecnologias em Educação

Angela Sprenger e Beatriz Scavazza

Coordenadoras Executivas

Luis Marcio Barbosa

Gerente da Unidade de Gestão de Projetos

Produção editorial

Denise Blanes

Celeste Baumann

Felipe Ibrahim

Mainã Greeb Vicente

Maria Helena de Castro Lima

Marina Fortes

Priscila Garofalo

Priscila Risso

Rita De Luca

Tatiana Ferreira de Souza

Valéria Aranha

Produção de conteúdo

Rodnei Pereira

Assistência editorial

Celeste Baumann

Felipe Ibrahim

Mainã Greeb Vicente

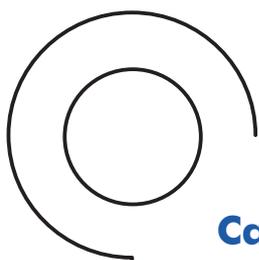
Maria Helena de Castro Lima

Arte de capa

Michelangelo Russo

Projeto gráfico e diagramação

R2 Editorial



Caro(a) formador(a),

Parabéns! É com imensa satisfação que a equipe Morar Bem, Viver Melhor, que desenvolve a Política Habitacional do Estado de São Paulo, o cumprimenta pela dedicação e responsabilidade assumidas no trabalho técnico social voltado a apoiar os mutuários a se organizarem em torno da vida nos conjuntos habitacionais, com os deveres e as responsabilidades que passaram a assumir logo na concretização do sonho da casa própria.

Este material, que você e os demais técnicos sociais estão recebendo, vai ajudá-los a conhecer melhor determinados procedimentos, técnicas e metodologias que os auxiliarão a pensar e a conceber as práticas a serem desenvolvidas com os mutuários, nos encontros, nas assembleias e nas oficinas que vão realizar.

É, também, este material que orientará a utilização dos demais cadernos e vídeos da coleção, e que foram entregues aos mutuários, reunindo conteúdos de apoio e consulta para os mais diversos assuntos com os quais vocês vão lidar no dia a dia, como representantes em campo dos valores e da missão da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU).

Dessa forma, você poderá contribuir para tornar melhor e mais organizada a vida de todos os moradores do conjunto habitacional.

*Secretaria da Habitação do Governo do Estado de São Paulo
Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano*



Sumário

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	11
PARTE I.....	12
» 1. O técnico social: seu papel formador e articulador	12
» 2. Saberes que um formador precisa desenvolver.....	14
» 3. Os sujeitos da formação e o que eles já sabem: diferenciando pré-requisitos de conhecimentos prévios.....	19
» 4. Os conteúdos a serem mediados e suas naturezas	22
» 5. A importância de variar as estratégias formativas	24
» Conteúdos conceituais	25
» Conteúdos factuais.....	26
» Conteúdos atitudinais	26
» Conteúdos procedimentais	30
» 6. Orientações para uso dos vídeos.....	30
» O uso do vídeo como potencializador de formação	32
» Utilizando o vídeo nas formações.....	32
» 7. O uso de textos longos e suas potencialidades como estratégia de formação	33
PARTE II	36
» 1. Oficinas.....	36
» Oficina de formação geral – A história de Marlene.....	37
» Oficina 1 – Caderno do Morador 1 – Manual do Proprietário	39
» Oficina 2 – Caderno do Morador 2 – Conhecendo a Moradia.....	41
» Oficina 3 – Caderno do Morador 2 – Conhecendo a Moradia.....	44
» Oficina 4 – Caderno do Morador 2 – Conhecendo a Moradia.....	45
» Oficina 5 – Caderno do Morador 2 – Conhecendo a Moradia.....	47
» Oficina 6 – Caderno do Morador 3 – Habitação e Cidadania.....	50
» Oficina 7 – Caderno do Morador 3 – Habitação e Cidadania.....	52
» Oficina 8 – Caderno do Morador 3 – Habitação e Cidadania.....	55
» Oficina 9 – Caderno do Morador 3 – Habitação e Cidadania.....	56
» Oficina 10 – Caderno do Morador 3 – Habitação e Cidadania	58
» Oficina 11 – Caderno do Condomínio – Gestão Condominial	59
» Oficina 12 – Caderno do Condomínio – Gestão Condominial.....	60
» Oficina 13 – Infantil.....	62
» Oficina 14 – Infantil.....	63
» Oficina 15 – Jovens.....	66
» Oficina 16 – Jovens.....	69
» Encerramento.....	70





Apresentação

Um dos grandes desafios enfrentados por profissionais que lidam com formação comunitária e cidadã, em qualquer ambiente em que se dê essa formação, reside no planejamento de propostas pedagógicas, didaticamente organizadas, que respeitem os conhecimentos prévios e as experiências dos participantes e, sobretudo, que atendam às necessidades das pessoas envolvidas no processo.

Dirigido por esses princípios, este Caderno tem a intenção de compartilhar estratégias de mediação dos conteúdos abarcados pelos Cadernos do Morador e Caderno do Condomínio, produzidos pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) e desenvolvidos no âmbito do Programa Morar Bem, Viver Melhor.

Nele, você encontrará informações que pretendem auxiliá-lo a preparar, desenvolver e avaliar oficinas referentes aos temas e conteúdos trabalhados neste Caderno, que está dividido em duas partes.

A primeira discute o papel do técnico social como formador e articulador do Programa Morar Bem, Viver Melhor. Para isso, apresenta o conceito de formação, contrapondo-o a outros conceitos, como treinamento e capacitação.

Na sequência, são abordados os saberes necessários ao formador: domínio da natureza dos conteúdos que serão mediados por ele, qual a importância de ter clareza sobre quem são os sujeitos da formação – suas experiências, necessidades e conhecimentos prévios – e como essas duas dimensões estão articuladas a uma terceira: a escolha das estratégias formativas.

Conhecendo essas três dimensões, que se articulam umas às outras, veremos que podem ser utilizadas várias estratégias: estudos de cenários, casos fictícios, dramatizações, dinâmicas de grupo, textos narrativos ficcionais, uso de alegorias e jogos.

Nesses tópicos, são feitas, ainda, considerações sobre o uso de vídeos complementares e sobre a importância e os cuidados de se trabalhar com textos longos.

A segunda parte deste Caderno do Formador apresenta sugestões de oficinas, que buscam trazer exemplos de como os conteúdos abordados na primeira parte podem ser colocados em prática.

Esperamos que esses conteúdos possam servir como inspiração para que você, formador, desenvolva suas próprias experiências formativas, respeitando as características e as necessidades dos moradores de cada conjunto habitacional por onde você passar.

Sua atuação é fundamental para o sucesso do Programa.

Bom trabalho!

Introdução

Há uma relação entre os processos de educação comunitária e popular e o trabalho técnico social?

Para responder a essa questão, é importante que tomemos uma posição sobre o conceito de educação. Educar significa conduzir um sujeito de um certo ponto a outro ponto mais avançado na construção de um determinado saber ou conjunto de saberes.

Sendo assim, quando falamos em processos educativos em/de comunidades, é preciso considerar que estamos falando de algo diferente do que acontece em ambientes escolares tradicionais.

Contudo, quando nos colocamos em qualquer posição dita “professoral”, ou seja, em uma condição de alguém que pretende ensinar alguma coisa para outra pessoa, facilmente nos remetemos aos estilos dos professores que tivemos ao longo da nossa vida.

Isso pode representar um risco: o de nos pôr no lugar de quem “sabe tudo” e, assim, colocar o sujeito aprendiz no lugar de quem “nada sabe”, como se fosse um vaso vazio que precisa ser preenchido de conhecimento.

Essa concepção pode trazer impedimentos para a mediação de processos de educação popular e comunitária. Isso porque para uma pessoa adulta, a aprendizagem ocorre de uma maneira dinâmica e muito complexa.

É o conjunto de saberes já sistematizado, de novas informações, mas fundamentalmente de experiências vividas e de relação que as pessoas estabelecem com seus espaços/lugares que constituem suas experiências sociais e comunitárias.

Entendemos experiência como tudo aquilo que nos acontece e movimenta a nossa vida. Assim, é importante que os conhecimentos e estilos de vida forjados pelos sujeitos sejam identificados, aproveitados e valorizados – o que se pode conseguir criando um clima propício ao diálogo, elaborando perguntas que permitam que as pessoas compartilhem suas experiências e seus pensamentos, e utilizando estratégias que coloquem em jogo tudo aquilo que elas sabem.

Parte I

1. O técnico social: seu papel formador e articulador

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo. Os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 68.

Não se pode negar que o trabalho técnico social tem uma dimensão educativa, visto que implica, muitas vezes, em transmissão de conhecimentos. Espera-se, também, provocar mudanças de comportamento, assim como se pretende fomentar novas formas de convivência e de colaboração entre coletivos de pessoas que compartilham de um mesmo objetivo ou de uma situação comum. Esses processos são educativos porque preveem a condução de pessoas de um determinado ponto de partida a outro, ao qual se pretende chegar.

Processo educativo é qualquer processo (cognitivo, afetivo e motor) que promove mudanças, adaptações e, em certa medida, transformações nas pessoas. Esses processos, que são vividos por todos nós, ao longo de toda a vida, em suas múltiplas áreas, não dizem respeito apenas à educação escolar, mas também às práticas educativas vividas no cotidiano, às trocas sociais com as outras pessoas, à interação na família, ao dia a dia no trabalho, às experiências de lazer assim como àquelas práticas que nos ensinam estratégias de sobrevivência.

Quando pensamos em programas e ações que podem ser desenvolvidos no âmbito de políticas de habitação, também estamos falando em processos educacionais. Um exemplo são os momentos de constituição de condomínios.



Há aprendizagens que precisam ser construídas pelos moradores de um novo conjunto, que vão desde a convivência com os novos vizinhos, em seus aspectos burocráticos e relacionais, até a organização e a mobilização coletiva para buscar melhorias para todos, dentro e fora do conjunto habitacional onde moram. Por essas razões é que afirmamos que o técnico social é um **formador**. É também um **articulador** de um conjunto de princípios e conteúdos previstos no âmbito do projeto, programa ou política no qual ele atua.

Um formador é um sujeito que conduz processos de formação. E o que seria, então, **formação**?

Trata-se de um conceito frequentemente relacionado aos processos de treinamento, *coaching*, gestão, supervisão, inspeção, fiscalização, liderança, monitoramento e outros correlatos. Vejamos, a seguir, alguns significados mais comuns para esses termos.

Quadro I – Formação e conceitos relacionados

Conceito	Descrição	Palavras-chave
Formação	Termo polissêmico (com sentidos diversos) que tem na sua raiz etimológica a ideia de dar forma a alguma coisa, configurar. Refere-se às condições, atividades e resultados de aprendizagem e desenvolvimento. Atualmente, compreende modalidades formais, não formais e informais de educação, que se concretizam em espaços e tempos muitos variados, de forma contínua e ao longo da vida.	Aprendizagem; desenvolvimento; construção de conceitos; aprendizagem de procedimentos; desenvolvimento de valores e atitudes; aprendizagem contínua.
Treinamento	Processo de transmissão e de controle de uma ação e sua reorientação no caso de desvios da direção que se pretendia.	Controle; conformidade; estabilidade; repetição de procedimentos.
<i>Coaching</i>	Apoio pessoal e personalizado que pretende ajudar alguém a atingir um determinado objetivo ou exercer tarefas da melhor forma possível. Configura-se na relação entre um <i>coach</i> (instrutor) e uma pessoa em desenvolvimento.	Ajuda pessoal; ação direcionada a metas.
Gestão	Muitas vezes, compreendida como sinônimo de administração. Relaciona-se a organização de situações e recursos de maneira eficiente, por meio de tomadas de decisão, planejamento e controle.	Direção; organização; planejamento; controle; eficiência.
Liderança	Geralmente, entendida como uma capacidade pessoal de motivar, influenciar e guiar pessoas e grupos em uma direção específica.	Influência pessoal; chefia; inspiração; capacidade de mobilização.
Monitoramento	Acompanhamento sistemático de programas e processos com base na observação e coleta de informações, com vistas a um determinado objetivo.	Verificação; acompanhamento.
Inspeção	Verificação do cumprimento ou não de normas estabelecidas para atuar de forma preventiva ou punitiva.	Verificação; vistoria; cumprimento de normas; infrações; substituição de condutas “erradas” por “certas”.
Supervisão	Processo de acompanhamento de uma atividade por meio de processos de regulação, guiados por ações de monitoramento e balizados por avaliações. Pode ser formativa, quando procura estimular o desenvolvimento e a aprendizagem de pessoas e instituições, ou fiscalizadora, quando coloca ênfase no controle, na prevenção ou na punição.	Acompanhamento; controle; monitoramento; colaboração; desenvolvimento e aprendizagem de pessoas; grupos e instituições.

Cada sujeito e cada grupo tem uma história. Em nossa condição humana, “estamos sendo” e, nesse sentido, somos potência e podemos aprender sempre, e mais, e permanentemente. Todos somos capazes de aprender.

Aprendemos e nos desenvolvemos até o momento das nossas mortes.

Pensando nesses princípios, o formador não pode compreender a questão da aprendizagem como a substituição de condutas “erradas” por condutas “certas”. Aprender é refletir sobre as próprias ações, é acrescentar novas informações a outras que já possuíamos, é atribuir novos sentidos e significados às nossas experiências.

O formador também não deve se equivocar pensando que o fato de alguém saber ou não saber alguma coisa seja um prejuízo ou um privilégio da classe social dos sujeitos da formação. É muito importante acentuar isso, porque é muito comum, em uma sociedade colonizada como a nossa, considerarmos que as pessoas não sabem certas coisas porque se encontram em posições mais vulneráveis do ponto de vista de renda, de educação formal etc.

A origem social de alguém não pode ser usada para justificar um comportamento que o formador julga “inadequado”. Aliás, se fizer isso, o sujeito se afasta do seu papel formador.



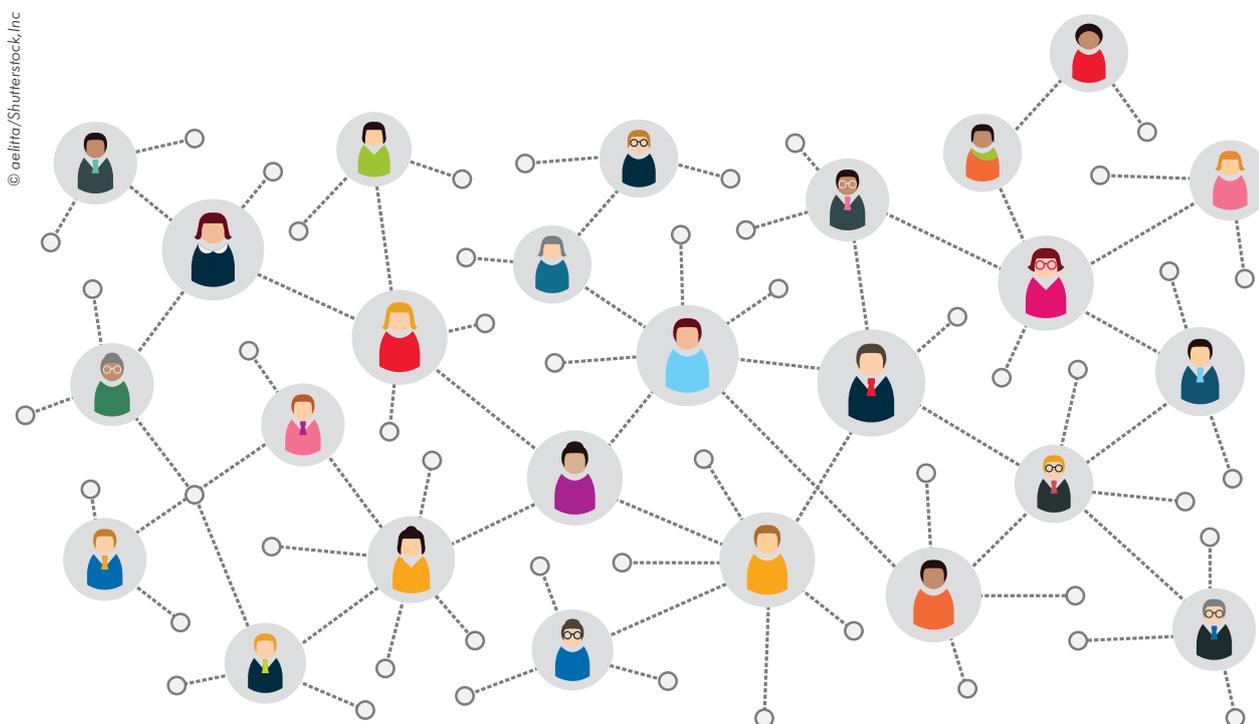
Aprender qualquer coisa pressupõe uma experiência pessoal de construção de conhecimento que tem a ver com expectativas, necessidades, desejos, saberes anteriores e a história de cada um.

Ao longo de nossas vidas, somos afetados por acontecimentos, relações vividas com as outras pessoas, experiências de vida que nos marcam e que, por vezes, nos arrancam de nossas zonas de conforto. Nesses momentos, é preciso nos reinventar, pois eles exigem reflexão, apoio mútuo e mobilização coletiva.

Para que isso seja possível, é muito importante que os coletivos de pessoas estejam dispostos a trocar e não apenas a defender pontos de vista e convencer os outros a pensarem ou agirem de determinadas formas.

Isso não quer dizer que os processos formativos ocorram sem conflitos. Os conflitos são parte das experiências sociais. Qualquer confronto com uma necessidade de mudança não acontece sem resistências. **E é comum que as pessoas que participam dos processos de formação exponham justificativas diversas para permanecerem pensando e agindo de uma forma que julgam ser correta ou apropriada.**

Formação não é sinônimo de “facilitar a vida”. Ao contrário, quando nos formamos, precisamos estar abertos para o novo, para o diferente, para as mudanças.



Se usarmos essas informações para pensar no que acontece nos conjuntos habitacionais, veremos que os conflitos nunca desaparecem.

As dificuldades e os desafios são parte da vida em espaços compartilhados por muitas pessoas. Porém, processos formativos podem ajudar as pessoas a não se sentirem paralisadas. Podem ajudar os grupos a se perceberem capazes de pensar, criar e recriar suas experiências e práticas. Para isso, há um pressuposto muito importante, sobre o qual o técnico social formador deve erigir as bases do seu trabalho: **cada conjunto habitacional tem uma história que lhe permite ser o que é.**

Esse é um pressuposto geral básico para a construção de contextos formativos potentes.

Um contexto formativo potente é aquele que fortalece as identidades das pessoas e suas relações com os saberes que já possuem. Pressupõe uma cultura de apoio à aprendizagem e conta com um mediador que seja parceiro e que demonstre aprender com o grupo.

Além disso, o formador precisa desenvolver outro saber importante: precisa ser capaz de analisar criticamente os contextos e os grupos nos quais vai atuar e se sentir implicado de algum modo com o grupo de pessoas e com os desafios que ele identifica nos conjuntos habitacionais – isto é, precisa entender que ele tem algo “a ver com aquilo”, se comprometendo em encontrar respostas, soluções, alternativas, caminhos, em conjunto.

Nesse sentido, cabe lembrar que, quase sempre, o lugar institucional do formador é ambíguo – ele pode estar, ao mesmo tempo, em uma posição de parceiro experiente (companheiro) ou de “Estado” (e esse papel pode ser de fiscalizador ou de colaborador). E é preciso escolher qual o lugar que se quer ou que se tem – em certas situações – que afirmar.

É preciso ter clareza de que todos esses papéis deverão ser afirmados de acordo com as situações e os contextos que se colocarem para o formador.

O importante é ter consciência e atuar com transparência, para que todos reconheçam a importância das funções do técnico social.

Para se afirmar como formador, o técnico social precisa ganhar a confiança das pessoas, que têm que reconhecer nele um conjunto de saberes, bem como aferir a coerência entre seu discurso e sua prática.

Isso é necessário, sobretudo quando os grupos são muito resistentes ou quando os contextos formativos são pouco favoráveis.



Assim é constituída a autoridade necessária a um formador, e não pelo exercício do poder. A simples obediência a uma ordem (ainda que disfarçada), a repetição de prescrições e listas de “pode/não pode” ou a indicação dos “erros” das pessoas não têm força suficiente para produzir engajamento – apontar excessivamente o erro das pessoas, sem oferecer caminhos, propostas e alternativas, pode ter como resultado o descomprometimento das pessoas com a formação.

Em outras palavras: se o formador provocar em alguém a sensação de que nada do que essa pessoa faz está certo, ela poderá abandonar ou desistir do processo formativo.

Sendo assim, as metodologias de formação devem ter como horizonte o sujeito, o seu conhecimento prévio, a construção de conhecimento e a necessidade de uma escuta genuína, que são aspectos a partir dos quais podem ser elaboradas propostas que façam sentido para os participantes da formação.

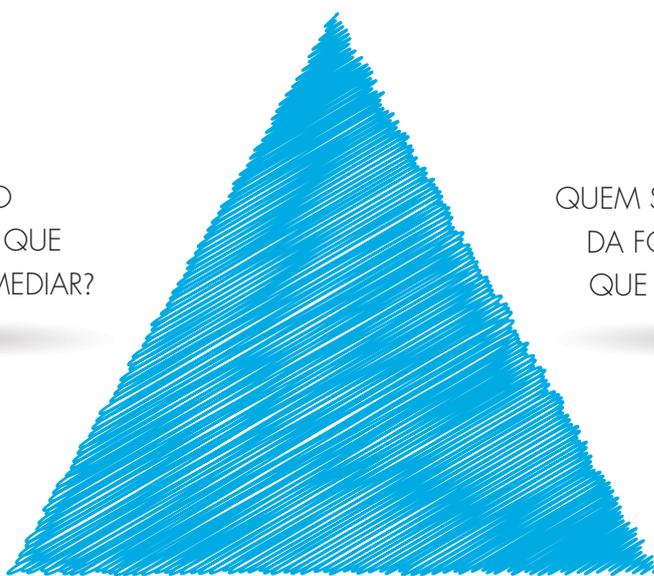
Devemos tomar como base esses princípios: a escuta, a valorização e o acolhimento dos sujeitos e de suas experiências; a concepção de que todos podem aprender sempre, que todos aprendem e crescem juntos; o posicionamento de sempre levar em conta as histórias de cada pessoa e de cada grupo e sua disposição para a mudança e para o novo.

Tudo isso deve guiar o planejamento de intervenções formativas, e o formador precisa articular três grandes saberes. Fundamentalmente, é preciso que ele considere **o conteúdo que ele precisa dominar e mediar**, levando em conta a sua complexidade. A mediação desse conteúdo deve levar em conta **os sujeitos a quem a formação se destina e o que eles já sabem** a respeito.

Por fim, ao articular esses dois aspectos, é preciso escolher **estratégias adequadas** e que favoreçam a compreensão desse conteúdo pelos sujeitos.

QUAL É O
CONTEÚDO QUE
TENHO QUE MEDIAR?

QUEM SÃO OS SUJEITOS
DA FORMAÇÃO E O
QUE ELES JÁ SABEM?



QUAIS ESTRATÉGIAS DEVO USAR?

3. Os sujeitos da formação e o que eles já sabem: diferenciando pré-requisitos de conhecimentos prévios

*Não há saber mais, nem saber menos.
Há saberes diferentes.*

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 68.

É comum que, em processos de formação, os formadores utilizem como estratégia, por razões diversas, apenas a exposição oral. Essa prática pode estar relacionada tanto a uma dificuldade referente a grupos muito numerosos como a uma falta de conhecimentos sobre estratégias formativas.

Em geral, essa prática remonta a uma concepção de aprendizagem: os conhecimentos estão “fora” dos sujeitos. Se “estão fora”, o que eles não sabem precisa lhes ser passado. As pessoas aprendem ouvindo. Então, basta colocá-las sentadas e transmitir-lhes as informações que se considera que elas devem saber. Quem consegue aprendê-las é porque tem interesse. Quem não consegue, não tem “vontade suficiente” ou “gosta” de viver “sempre do mesmo jeito” ou ainda “não se interessa”.

Outra concepção comum entre formadores é de que “faltam pré-requisitos” às pessoas. Quando se percebe uma dificuldade na compreensão de determinado conteúdo ou na mudança de atitudes, é comum que os formadores naturalizem os conhecimentos e os modos de pensar e de viver das pessoas. É como se acreditassem que “pau que nasce torto, morre torto” ou que “a pessoa é para o que nasce”.

Ocorre que esses são modos muito equivocados de se pensar nas experiências e nas aprendizagens humanas. Desde a segunda metade do século XX (20), sabemos que as pessoas possuem conhecimentos diferentes, que se completam na interação social; que, desde a infância, o ser humano constrói pensamentos inteligentes sobre a realidade; e que todo e qualquer conhecimento prévio deve ser identificado, valorizado e considerado quando se pretende apresentar um conhecimento novo a alguém.

Assim, é preciso superar a ideia de que, para aprender qualquer coisa, as pessoas precisam atender a pré-requisitos.

Os pré-requisitos são listas de saberes, elaboradas arbitrariamente por uma ou mais pessoas, a partir de seu próprio ponto de vista, que determinam que sem tais saberes uma pessoa não pode avançar em seu processo de aprendizagem.

Os conhecimentos prévios, ao contrário, são todas as experiências, as ideias, as representações, as crenças, todos os juízos e valores que uma pessoa possui e nos quais se pode ancorar uma nova aprendizagem.

Para ativá-los, basta ao formador propor questões sobre o assunto que será tratado e estimular o relato de experiências relacionadas ao conteúdo que se quer mediar.

A noção de pré-requisitos é incompatível com o trabalho do técnico social formador. Em uma perspectiva de pré-requisitos, é muito provável que as pessoas sejam responsabilizadas pela pobreza, por suas dificuldades e pelas coisas que, aparentemente, “não sabem”.

O trabalho do técnico social é atravessado por uma dimensão ética e estética que, inclusive, implica em identificar e valorizar os conhecimentos prévios das pessoas que são seu público-alvo, sujeitos coparticipantes e coformadores do trabalho social.

Ao reconhecer e valorizar que as pessoas carregam conhecimentos importantes, o formador pode provocar o interesse dos sujeitos, tocar o seu desejo, responder a alguma necessidade importante (ou vice-versa) e isso pode fazer que as propostas de formação sejam consideradas úteis por eles.

Outra questão muito importante é: para que um grupo de formação seja produtivo, é preciso que ele se constitua em um espaço dialógico, onde todos pratiquem uma escuta respeitosa. É preciso que o formador esteja inteiramente presente, como se não houvesse nada mais importante a fazer naquele momento a não ser estar ali mesmo, com o grupo – para tanto, é preciso escuta e olhar cuidadosos, e uma presença atenta a tudo o que acontece e ao que está implícito.

Além disso, o levantamento de conhecimentos prévios é importante porque nenhuma formação logra se não atender a necessidade íntima e pessoal daquele a quem se destina. No processo formativo, a necessidade deve ter existência no sujeito da formação e ter como foco as reais carências de um determinado grupo de pessoas e seu entorno social.

Assim, o desafio do formador, ao levantar os conhecimentos prévios dos sujeitos da formação, consiste em identificar suas reais necessidades e provocar neles o desejo de adquirir novas experiências.

Um meio de fazer isso é potencializar os momentos coletivos para refletir, garantindo, assim, espaços de reflexão e de compartilhamento de experiências coletivas.



Para que possamos atribuir sentido para o processo formativo, no qual estamos envolvidos e pelo qual responderemos, faz-se necessário compreender o outro, suas dificuldades, angústias, conflitos, saberes, necessidades e desejos. Para isso, os momentos de formação devem priorizar:

- planejamento;
- momentos de reflexão coletiva;
- compartilhamento de experiências;
- relações dialógicas;
- escuta respeitosa.



O desafio de construir relações dialógicas

Para que o diálogo seja entendido como princípio e como estratégia em processos de formação, é importante retomar o que significa esse conceito.

Diálogo não se resume ao movimento de fala e de escuta entre duas ou mais pessoas. Embora escutar os outros, com respeito, esperando o momento de falar de cada um, seja uma **atitude** que todas as pessoas precisam aprender, diálogo é muito mais do que isso.

Dialogar é um processo no qual os seres humanos tentam colocar ideias em comum, compartilhando-as, trocando-as, contrapondo-as, confirmando-as ou refutando-as, nas trocas discursivas que fazem uns com os outros (mas é também a troca discursiva que alguém realiza com ele mesmo).

Trata-se de um processo desafiador, porque requer algumas condições. A primeira delas é ter clareza de que tudo o que pensamos e o que dizemos não é inédito, nem original. Embora alguns dos nossos pensamentos e dizeres pareçam novidade para nós e para os outros, eventualmente, só chegamos a construí-los porque fomos inspirados pelos discursos de outras pessoas.

Além de nos inspirar, o discurso dos outros também influencia nosso próprio discurso.

Cabe acentuar que o que chamamos de “outros” pode se referir tanto a alguém que está frente a frente conosco quanto a um autor de texto, de música, um personagem de um romance etc.

Outra condição para a construção de relações dialógicas é a humildade. Humildade para perceber que nossos discursos são sempre sociais e que só construímos o que pensamos e o que dizemos (ou escrevemos) graças aos outros (**todos** aqueles que convivem/conviveram conosco e que têm diferentes conhecimentos e posições sociais).

Nessa linha de pensamento, tudo o que os outros dizem e pensam também é muito valioso. E quando tudo o que as pessoas pensam e dizem é considerado importante e é acolhido com respeito e disponibilidade, todos avançam e constroem novos conhecimentos. E isso é uma conquista, ao mesmo tempo, coletiva e individual.

O educador Paulo Freire afirma, em seu livro *Pedagogia do oprimido* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987), que o diálogo não pode ser visto como técnica para se atingir resultados ou como tática para fazer que o formador seja “bem-visto” pelos formandos. Para ele, isso desvirtua o diálogo e se transformaria em manipulação.

Diálogo, nessa perspectiva, se dá quando um grupo de pessoas, com disponibilidade, se encontram para refletir sobre a sua realidade e sobre como a constroem e reconstroem. Esse movimento de reflexão conjunta, direcionada para um mesmo fim, é que pode tornar todos mais críticos.

4. Os conteúdos a serem mediados e suas naturezas

Como vimos, um dos saberes de um formador é identificar o que os participantes de um processo de formação já sabem a respeito dos conteúdos que serão trabalhados, suas necessidades, seus desejos e suas expectativas.

Seu papel, nesse sentido, também é promover “desequilíbrios” nos conhecimentos já consolidados pelas pessoas ou em formas de agir e de pensar contraditórias à vida em comunidade, por meio da elaboração de boas perguntas, de análise e de reflexão sobre acertos e erros e de sistematização das experiências vividas, ajudando as pessoas a ter clareza do que já sabiam e do que não sabiam; do que aprenderam e do que ainda precisam aprender; de como fazem determinadas coisas e de como poderiam fazer diferente.

Para isso, no caso dos formadores que atuam com os conjuntos habitacionais da CDHU, é muito importante conhecer bem os conteúdos de todos os Cadernos do Morador, desenvolvidos no âmbito do Programa Morar Bem, Viver Melhor.

Além disso, é fundamental refletir sobre os saberes que todo formador que atua como mediador precisa ter:

1. Saber quem são as pessoas que vão participar da formação e o que elas já sabem.
2. Conhecer os conteúdos que deverão ser mediados.
3. Escolher as melhores estratégias para mediá-los, tornando-os possíveis de serem aprendidos.

Além disso, é fundamental acentuar que em todos os Cadernos são trabalhados conteúdos de naturezas diversas, os quais são aprendidos pelas pessoas de diferentes maneiras.

Podemos classificar as naturezas de conteúdos em, ao menos, quatro tipologias, que se revelam por meio de:

1. **Conteúdos conceituais:** são aqueles que dependem de reflexão e elaboração pessoal. Referem-se ao que são, por que são e como são as coisas. Exemplos: O que são assembleias e para que servem?; O que são políticas públicas?; O que são relações de vizinhança? etc.



2. **Conteúdos factuais:** são aqueles que dependem da memória para serem aprendidos, pois se referem à informações que não mudam e que precisam ser decoradas. A condição para se aprender um fato é a repetição. Exemplo: ler e memorizar as plantas dos apartamentos para saber onde se pode e onde não se pode furar uma parede; itens que precisam constar em uma ata de assembleia, como a data e a pauta de discussão; lembrar-se de cláusulas contratuais etc.



3. **Conteúdos atitudinais:** são aqueles que dependem de exemplos, de disposição interna e de disciplina pessoal. Exemplo: respeitar pontos de vista diferentes, levar em conta as necessidades dos outros, não incomodar o vizinho com barulhos, ser colaborativo, preservar as áreas coletivas etc.



4. **Conteúdos procedimentais:** são aqueles que dependem do treino e da frequência de uso para serem aprendidos. A condição para se realizar bem um procedimento é ter a ajuda de quem já o conhece e o realiza com proficiência. Exemplo: saber utilizar corretamente o extintor de incêndio, ligar o aquecedor solar, conseguir organizar e desenvolver uma assembleia, instalar o gás de cozinha corretamente etc.



Natureza do conteúdo	O que o formador deve considerar	Exemplos de estratégia
Conceitual	A aprendizagem de conceitos pode demorar mais, dependendo de sua complexidade. Requer maior esforço por parte dos sujeitos. Por isso, o formador deve usar estratégias variadas e que estimulem a reflexão e a compreensão.	Elaboração de resumos e sínteses, quadros comparativos, esquemas, ilustrações, explicações detalhadas, exposições dialogadas e rodas de conversa.
Factual	A aprendizagem de fatos é mais simples, mas para que isso aconteça o formador deve selecionar um menor número de informações e criar estratégias que favoreçam a memorização.	Confecção de lembretes, listas, folhetos, cartazes, avisos, placas de sinalização e informação, lista de perguntas frequentes (FAQ).
Atitudinal	A aprendizagem de atitudes é uma das mais complexas porque exige que o sujeito tenha muita capacidade de refletir sobre os próprios comportamentos e os dos outros. Por isso, o formador deve usar estratégias que favoreçam o exercício de pensar sobre como o sujeito e as outras pessoas se comportam, o que não é muito simples. Nesse caso, é importante que as atividades relacionadas não sejam muito longas e que levem em conta as características dos participantes. Elas ainda exigem que o formador pense o que vai fazer antes, durante e depois das atividades e que elas sejam debatidas e avaliadas com os participantes. O formador deve recuperar e destacar as atitudes colocadas em questão. Essa aprendizagem requer um nível de reflexão bastante refinado.	Estudo de cenários, casos fictícios, dramatizações, dinâmicas de grupos, leitura de textos ficcionais, alegorias, jogos.
Procedimental	A aprendizagem de procedimentos depende da sua complexidade. Como são conteúdos que sempre se relacionam a como se deve fazer ou executar um conjunto de ações, as estratégias utilizadas pelo formador devem se concentrar no detalhamento de instruções, utilizando recursos variados, orientações claras, demonstrações e experimentações.	Tutoriais, manuais, instruções passo a passo, treinamentos.

5. A importância de variar as estratégias formativas

Como é possível verificar, a **natureza do conteúdo** que será trabalhado em uma formação precisa se articular aos **conhecimentos prévios** das pessoas que são seu público-alvo. É a análise cuidadosa desses dois aspectos que conduz ao terceiro saber: a escolha das estratégias mais adequadas.

As estratégias referem-se às técnicas, aos procedimentos e aos métodos empregados pelo formador para mediar um determinado conteúdo.

No âmbito do Programa Morar Bem, Viver Melhor, os temas trabalhados em cada Caderno do Morador trazem conteúdos das quatro naturezas (conceitual, procedimental, factual e atitudinal) discutidas no item anterior.

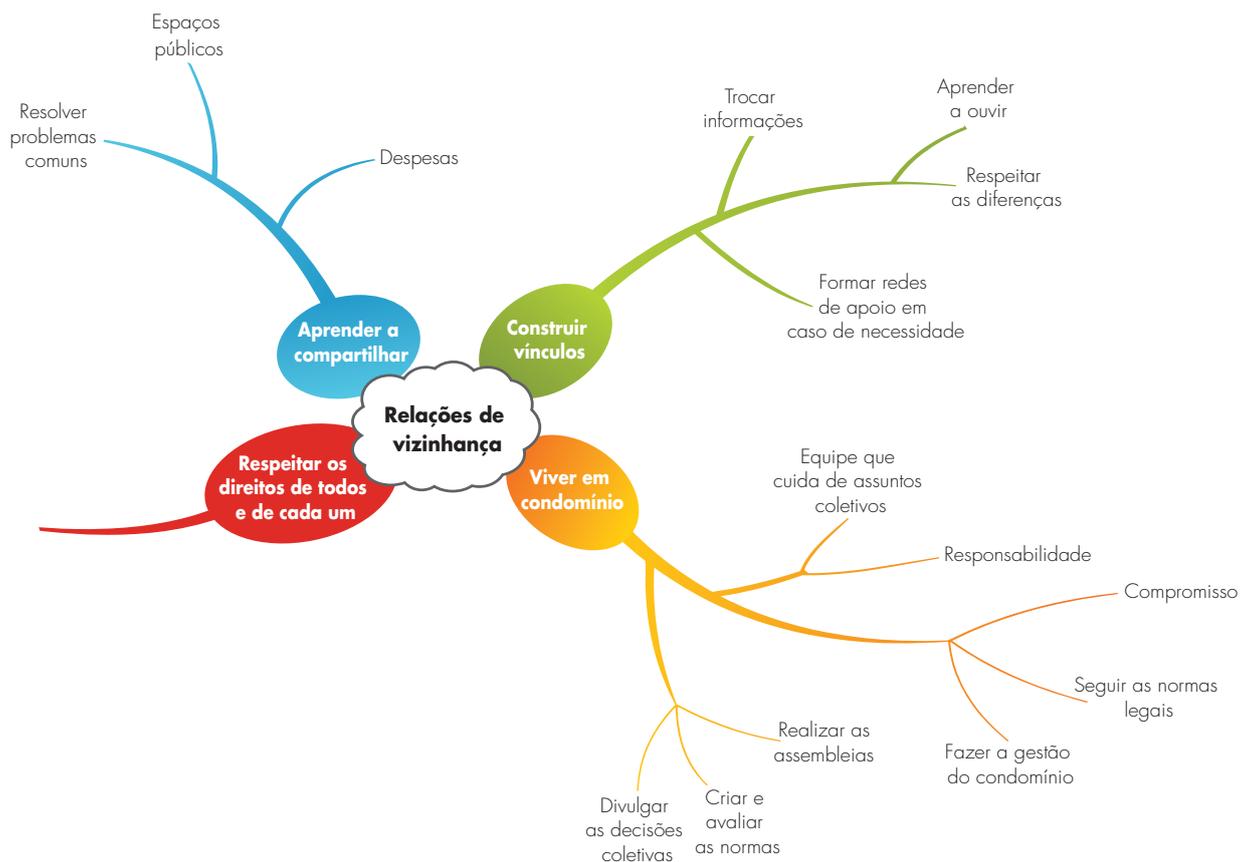
Como foi apontado, determinadas estratégias facilitam a apreensão de alguns conteúdos, quando levamos em consideração sua natureza.

Contudo, é preciso advertir que, em diferentes temas abordados nos Cadernos, as naturezas de conteúdo podem ser múltiplas, ou seja, um único tema pode trazer mais de um tipo de conteúdo. Por isso, pode ser necessário pensar em maneiras criativas, integradoras e de mediação.

Conteúdos conceituais

Ao trabalharmos conteúdos **conceituais**, é preciso tomar o cuidado de sistematizar as informações principais do conceito que se espera ser apropriado pelo público-alvo da formação. Uma boa estratégia, para atingir esse fim, é a elaboração de resumos, sínteses e quadros de comparação de ideias.

Esquemas ilustrativos ou esquemas conceituais também costumam ajudar bastante. Trata-se de representações gráficas de conceitos, princípios, modelos ou processos, com o objetivo de favorecer a compreensão de relações estruturais, de hierarquia ou de causalidade entre diferentes elementos que compõem um fenômeno. Podem ser feitas com diagramas e flechas ou no modelo de mapa mental, conforme o exemplo a seguir.



© Antun Hirsman/Shutterstock

O trabalho com conteúdos como políticas públicas e pertencimento, por exemplo, pode ser facilitado quando elaboramos alguns esquemas para sua apresentação e discussão com os grupos.

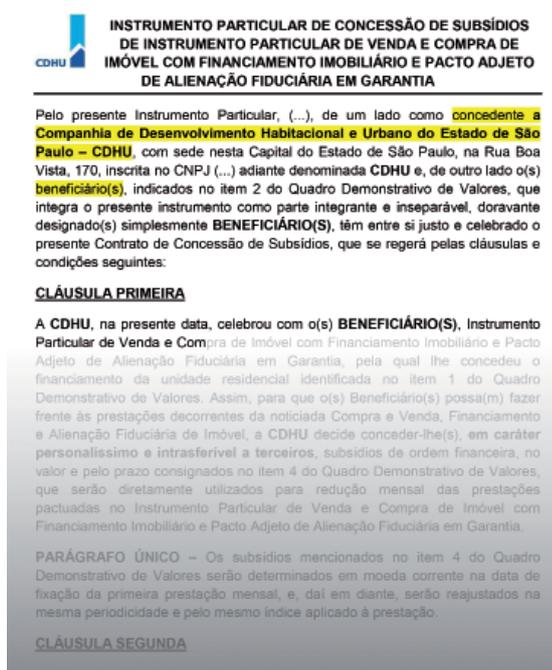
ESTEJA ATENTO

Os esquemas podem ser feitos manualmente, utilizando editores de texto ou páginas eletrônicas da internet, como o *GoConqr* <www.goconqr.com> (acesso em: 4 Jul. 2017).



Conteúdos factuais

No tratamento dos conteúdos **factuais**, o foco deve ser ajudar a lembrar de alguma coisa. Portanto, construir lembretes em tópicos ou listas, elaborar folhetos, cartazes, avisos, placas de sinalização e informação ou lista de perguntas frequentes (FAQs), são estratégias mais eficazes. O único cuidado que se deve tomar, ao pensar em estratégias como essas, é que, por se tratar de informações mais curtas, deve-se atentar para que a comunicação seja clara, direta e fácil de ser compreendida.



© CDHU

Uma boa estratégia para trabalhar conteúdos factuais é tentar lembrar de cláusulas de contratos.

Conteúdos atitudinais

Já na mediação de conteúdos **atitudinais**, uma vez que seu objetivo é tratar de comportamentos e atitudes, as estratégias mais eficazes podem ser os estudos de cenários, casos fictícios, dramatizações, dinâmicas de grupo, leitura de textos ficcionais, alegorias ou jogos.

Estudos de cenários

Os estudos de cenários são processos de reflexão baseados em textos ficcionais que contam uma história. Essa história deve ter elementos de aproximação com uma determinada realidade vivida pelo grupo que está participando da formação e apresentar atitudes cotidianas que precisam ser colocadas em discussão. São textos que trazem desafios ou que podem ajudar a levantar vários pontos para discussão. Exemplo:

Patrícia é síndica do Conjunto Habitacional Gleba da Marquesa III. Em uma assembleia de condomínio, ficou decidido que o lixo reciclável seria separado do orgânico. O lixo reciclável seria vendido, para gerar receita para o condomínio.

Patrícia, então, providenciou uma caçamba grande, separada, para que os condôminos colocassem o material reciclável, ao lado do local onde sempre se colocou o lixo, antes da separação. Afixou avisos indicando onde cada tipo de lixo deveria ser colocado. Enviou um comunicado para todos os moradores, com instruções sobre como o lixo deveria ser separado e acondicionado. Porém, as pessoas estavam misturando os tipos de lixo, o acondicionamento não estava sendo feito da forma correta e os animais de rua estavam rasgando e remexendo os lixos. Patrícia encontrou Dalva, uma moradora, que lhe perguntou como esse problema seria resolvido. Patrícia respondeu:

— Vou retirar a caçamba do lixo reciclável! As pessoas deste condomínio não são civilizadas!

Os cenários não precisam ter, necessariamente, um desfecho. Ao formador cabe provocar a reflexão dos participantes sobre os vários pontos que podem ser debatidos. Além disso, a principal intenção dessa estratégia deve ser construir soluções e alternativas para os problemas identificados.

Casos fictícios ou situações-problema

Os casos fictícios ou situações-problema, embora também se tratem de pequenos textos narrativos, trechos de filmes, vídeos ou novelas, têm como intenção focalizar uma situação mais específica. A especificidade deve ser maior e a complexidade do conteúdo, menor. Vejamos um exemplo.

Lucidalva e Glória são vizinhas. Lucidalva mora no apartamento 21 e Glória, no 11. Lucidalva tem um filho de dois anos, que todas as noites, quando brinca, bate os brinquedos no chão e corre pela casa, incomodando a família que mora embaixo. Glória reclamou com a síndica, que já avisou Lucidalva sobre a reclamação da vizinha. Mas o problema continua. Que sugestões poderiam ser feitas para resolver esse caso?

Dramatizações

Dramatizações também são recursos interessantes para potencializar discussões sobre comportamentos e atitudes da vida cotidiana em conjuntos habitacionais. São situações lúdicas e exigem uma boa relação do formador com os participantes, que precisam se sentir à vontade para representar.



Nesse caso, o formador precisa dar orientações precisas e pontuais. Uma possibilidade é usar o caso fictício de Lucidalva e Glória e pedir que alguns participantes representem a cena: alguém pode ser o filho de Lucidalva e outra pessoa, Glória, incomodando-se com o barulho. Atividades como essa podem trazer um pouco mais de leveza a temas difíceis de serem enfrentados.

Dinâmicas de grupo

As dinâmicas de grupo são estratégias utilizadas para incentivar a participação, favorecer o estabelecimento de vínculos, avaliar, identificar capacidades e formas de pensar ou promover a reflexão sobre comportamentos e atitudes. São boas atividades para contextualizar determinados conteúdos e/ou situações, que servem para contextualizar ou introduzir um determinado tema. Seu uso requer alguns cuidados:

- **Objetivo:** é preciso ter claro qual é o objetivo da atividade. O que se quer com ela?
- **Número de participantes:** tendo clareza do objetivo, o formador deve prestar atenção ao número de participantes, por exemplo, verificando se a atividade pode facilitar ou dificultar o manejo do grupo e analisando se a dinâmica escolhida é adequada para uma determinada situação e um determinado objetivo.
- **Duração:** as dinâmicas de grupo variam conforme seus objetivos. Mas o ideal é que não sejam longas.
- **Tempo e características:** para selecionar uma dinâmica, é necessário levar em conta fatores como o tempo da formação e as características das pessoas que vão participar.
- **Desenvolvimento:** o formador precisa se preparar para desenvolver a dinâmica. Assim, é muito importante, no seu planejamento, pensar no que deve ser feito antes, durante e depois da atividade.
- **Fechamento:** depois de terminar a dinâmica, é muito importante que o formador avalie a atividade com os participantes e que dê retorno a eles sobre o que aconteceu, destacando os aspectos que favorecem a discussão de algum conteúdo que se queira destacar.

Veamos um exemplo de dinâmica:

A bala

Colocar algumas balas no centro de uma mesa e dizer aos participantes que eles podem chupá-las, mas que não podem usar **as suas mãos**. É provável que as pessoas tentem pegar com a boca ou com os pés, mas que demorem a perceber que uma pessoa pode pegar a bala, desembalar e oferecer a outra pessoa ao seu lado. A orientação dada aos participantes diz que não se pode usar “as suas mãos”, portanto, com a ajuda do outro, cumpre-se o que o formador pediu.

Nesse caso, pode-se fazer essa atividade para disparar uma reflexão sobre a importância de posturas colaborativas na convivência nos conjuntos habitacionais, por exemplo.



Outros exemplos de dinâmicas podem ser encontrados na internet, em páginas eletrônicas como <www.formador.com.br> ou <www.dinamicasparagrupos.blogspot.com>. (acessos em: 4 Jul. 2017).

Leitura de textos ficcionais ou alegorias

A leitura de textos ficcionais, como contos, fábulas e alegorias, também pode ajudar no trabalho com conteúdos atitudinais. Esses textos podem ser usados para introduzir ou sistematizar uma discussão. Por exemplo, para introduzir uma discussão sobre relações de vizinhança, pode-se usar o apólogo (um tipo de fábula) *As longas colheres*:

As longas colheres

Conta-se que, certa vez, em um reino perto daqui, vivia um rei que era muito conhecido por ser alegre, justo e um tanto excêntrico.

Um dia, ele enviou seus emissários a todas as partes do reino para comunicar que daria a mais grandiosa festa de todo o seu reinado e que todos, absolutamente todos, estavam convidados.

Os cortesãos compareceram vestidos em finos trajes e, quando chegaram ao palácio, foram recebidos com toda pompa e gentilezas.

Houve espetáculos, dançarinos e música da melhor qualidade.

As pessoas estavam maravilhadas com a festa, mas perceberam que não havia comida ou bebida em lugar algum do salão.

Com o passar das horas, elas estavam famintas e sedentas.

Todos estavam achando aquilo muito estranho. E o divertimento continuava...

Com o passar das horas, a fome e a sede deixaram as pessoas visivelmente contrariadas. No entanto, ninguém ousava questionar o rei.

O divertimento seguia, o rei distribuiu presentes aos convidados, mas nada servia para comer ou beber.

A certa altura, o rei finalmente convidou os presentes para adentrar em um salão especial, onde o jantar os aguardava.

Desesperadas como uma manada de elefantes, as pessoas correram para o salão, de onde exalava um cheiro maravilhoso. Havia um grande caldeirão de sopa no centro do salão.

Mas, para a surpresa de todos, dentro do caldeirão havia enormes colheres de prata, de mais de um metro cada uma. Não havia pratos nem tigelas. As pessoas tentavam comer, mas se queimavam. Não havia forma de levar aquela colher às próprias bocas.

As pessoas, desesperadas, não conseguiam encontrar uma maneira de resolver aquele problema. Até que uma convidada, mais esperta, percebeu que se levasse a colher à boca do homem que estava ao seu lado, ele conseguiria saciar sua fome.

Todos os presentes a imitaram, entendendo por fim que a única maneira de conseguirem se alimentar seria um ajudando ao outro.

Fonte: *As longas colheres*. In: GRILLO, Nícia de Queiróz (Org.). *Histórias da tradição sufi*. Rio de Janeiro: Edições Dervish, 1993.

Jogos

Os jogos cooperativos e de equipe também podem ser boas estratégias para favorecer a mediação de conteúdos atitudinais, sobretudo com crianças e jovens.

Para problematizar os desafios da vida coletiva, por exemplo, pode ser utilizado o jogo *Todos no mesmo saco*. Ele consiste em desafiar um grupo de pessoas (no mínimo quatro) a entrarem juntas em um saco de pano e atravessarem um percurso, até uma linha de chegada. Deve ser feito em um espaço grande ou em espaço aberto, e o formador pode criar obstáculos para dificultar a travessia. O grupo deve saltar, de forma sincrônica, sem cair, até a linha de chegada. Para isso, deve se comunicar e traçar uma estratégia para vencer o desafio.



Sugestões de jogos cooperativos podem ser encontradas na página eletrônica *Jogos Cooperativos* <www.jogoscooperativos.com.br> (acesso em: 4 Jul. 2017).

Conteúdos procedimentais

Por fim, para conteúdos **procedimentais**, o formador deve investir na criação de tutoriais, manuais, instruções passo a passo e treinamentos específicos. Por exemplo, ao orientar um Corpo Diretivo na elaboração de atas, é sempre importante reforçar o que não se pode esquecer de destacar em uma ata, seus elementos principais, termos frequentes, o que nunca pode faltar, bem como o uso da linguagem adequada. Esse é um exemplo no qual há duas naturezas de conteúdo associadas: uma factual (apresentação de uma lista do que não pode faltar) e outra procedimental (o modelo de ata e como se deve elaborá-la).

Outro exemplo de instrução é a **explicação sobre a instalação do gás**, que está no **Caderno do Morador 2 – Conhecendo a Moradia** ou ainda no **passo a passo apresentado no vídeo sobre gás**.

Na criação de instruções, é sempre importante cuidar para que elas sejam claras e que auxiliem as pessoas a executarem os procedimentos que se espera que elas aprendam. Observe que, no trecho sobre a instalação do gás presente no **Caderno do Morador 2 – Conhecendo a Moradia**, há uma combinação de texto, ilustrações e destaques para as informações mais importantes.

Assim, ao tratar de conteúdos procedimentais que não estejam nos Cadernos, o formador pode construir manuais durante as oficinas. E, nesse caso, as instruções que constam nos Cadernos podem servir como modelo para a criação de outras que o formador e seu grupo considerarem importantes.

6. Orientações para uso dos vídeos

Além de imagens, músicas, textos e tantos outros recursos, utilizar vídeos, no processo de formação, pode ser interessante para dar sentido aos conteúdos de diferentes naturezas, servindo para elucidar, mostrar, sistematizar, contextualizar ou retomar um determinado assunto.

Além disso, como os vídeos combinam múltiplas linguagens e são formas contemporâneas de comunicação, favorecem a compreensão das pessoas, facilitando sua relação com novos conhecimentos.



Abertura de vídeo sobre a leitura de plantas, que aborda detalhes técnicos e cuidados com a manutenção da moradia.



O vídeo sobre as relações de vizinhança apresenta orientações para o bem-estar e a organização da vida comunitária.

Contudo, para utilizar um vídeo em um processo formativo, é preciso atentar para algumas questões: Como usar o vídeo nas formações? Como articulá-lo aos conteúdos que se pretende trabalhar? Como abordar e discutir as situações e problemas que ele levanta? Como se pode favorecer uma apreensão consciente das mensagens que ele transmite? Que questionamentos se pode propor antes e depois de utilizá-lo? Como conciliar o vídeo com algum conteúdo específico dos Cadernos?

Essas questões precisam sempre estar presentes no planejamento das formações, para que os vídeos não sejam considerados apenas um apêndice das formações. Eles precisam ser compreendidos como instrumentos que contribuam para a compreensão dos princípios e dos conteúdos dos Cadernos do Morador elaborados no âmbito do Programa Morar Bem, Viver Melhor.

O uso do vídeo como potencializador de formação

Assim como toda estratégia formativa, o uso do vídeo ou de qualquer outro instrumento audiovisual, por si só, não garante a aprendizagem ou a reflexão sobre temas ou conteúdos. Não basta exibir o vídeo, é preciso estimular uma discussão ou destacar alguns pontos de observação sobre ele.

É o formador, utilizando algumas habilidades e estratégias, que deve fazer uso intencional do vídeo. Ele deve informar o título, a duração, além de quando e com que finalidade ele foi produzido, esclarecer o objetivo de assisti-lo naquele determinado momento e destacar, se necessário, alguns pontos que podem ser observados durante a exibição.

Além disso, como o vídeo é uma ferramenta de comunicação bastante acessível e fácil de lidar, o formador pode utilizá-lo selecionando trechos, pausando, mudando e pulando cenas ou até alterando uma determinada sequência de conteúdos.

Utilizando o vídeo nas formações

Os vídeos, dadas as suas características multilinguísticas, podem dar a impressão de que “falam por si mesmos”. Isso não significa que eles não precisem de mediação. A dinamização ou o aprofundamento daquilo que se vê dependem de uma intervenção intencional do formador.

Assim, o formador precisa conhecer bem o conteúdo dos vídeos para conseguir articulá-los aos temas que pretende trabalhar.

Ao analisarmos um vídeo, é preciso pensar com cuidado em todas as suas potencialidades para a formação. A partir dessa análise é que se torna possível a construção de um plano de formação, que requer alguns cuidados:

- Para explorar um vídeo, o formador pode fazer analogias com outros conteúdos e temas tratados nos Cadernos ou articulá-lo com as experiências dos participantes.
- O vídeo pode ser usado para apresentar tanto assuntos novos como outros já conhecidos, bem como para estimular o interesse ou contextualizar um tema.
- O vídeo deve servir para apoiar ou complementar um tema. Nunca se deve exibir o vídeo e não estimular um diálogo sobre ele. Os vídeos e os Cadernos se complementam.
- A dinâmica e o tempo da formação devem ser bem planejados, pois o uso do vídeo pressupõe sempre a atuação do formador.

Ao selecionar um vídeo, o formador deve levar em conta:

- qual o tema do vídeo;
- de que maneira o tema é tratado;
- qual o conteúdo abordado;
- se há necessidade de destacar pontos específicos do vídeo;
- que outros tratamentos e enfoques podem ou devem ser acrescentados;
- que informações devem ser dadas antes, durante ou depois de exibir o vídeo;

- o que deve ser explorado;
- se o vídeo pode servir para trabalhar mais de um tema tratado nos Cadernos (em caso afirmativo, sugere-se que o formador registre esses temas, para que possa utilizar essa informação em diferentes ocasiões da sua ação formadora);
- com que abordagem e com que abrangência os conteúdos são tratados;
- se é necessário complementar ou aprofundar algum aspecto;
- se é compatível com a faixa etária do grupo que está participando da formação;
- se é preciso fazer um trabalho de contextualização de termos e expressões utilizados para evitar perda de compreensão dos conteúdos tratados;
- se o vídeo se relaciona com o cotidiano das pessoas.

Há, também, alguns aspectos, de cunho pedagógico que precisam ser levados em conta, para maior aproveitamento no uso dos vídeos:

- Qual é a sua função básica? Informar, instruir, expor, relatar, sensibilizar, facilitar a compreensão de conceitos, ilustrar, exemplificar?
- Qual é o nível de dificuldade dos assuntos tratados?
- O vídeo exige que tipo de estratégia formativa? Pode ser usado antes ou depois do tratamento de um dado conteúdo?
- Requer a ativação de conhecimentos prévios advindos de outras fontes (como determinados conteúdos específicos de um dos Cadernos)?
- O assunto tratado pode despertar o quê? Polêmicas, pesquisas, debates, curiosidades?
- O vídeo poderia ser mais bem aproveitado se fosse trabalhado em partes? Por quê? Em quantas partes poderia ser dividido e para quê? Em caso afirmativo, o formador pode marcar os minutos das partes que quer trabalhar.
- O vídeo pode servir para ativar os conhecimentos prévios dos participantes da formação? Como?

Ao preocupar-se com essas questões, o formador pode planejar melhor o uso dos vídeos e explorá-los no sentido de garantir a apreensão dos conteúdos trabalhados pelos participantes da formação.

7. O uso de textos longos e suas potencialidades como estratégia de formação

Em todos os Cadernos do Programa Morar Bem, Viver Melhor, há conteúdos de diferentes naturezas. E alguns deles, sobretudo nos conceituais, há textos mais longos e mais difíceis de serem compreendidos. Eles devem ser objeto de atenção dos técnicos sociais não apenas para estimular a leitura, mas para utilizá-los nas oficinas, já que são importantes ferramentas de formação.

Para tanto, cabe perguntar: **Por que utilizar textos longos e considerados mais difíceis nas formações?**

Em processos de formação, com a intenção de facilitar a mediação dos conteúdos, os formadores costumam simplificar os textos para torná-los mais simples e curtos, considerando que essa seria uma boa estratégia.

Ao fazer isso, contudo, os formadores não se dão conta de que não estão contribuindo para que os formandos possam ler e compreender, com autonomia, textos mais complexos. Oferecê-los e trabalhar com esse tipo de texto é a única maneira de promover o contato com formas discursivas que não são utilizadas em textos simples e curtos.

Ao negar ou evitar o contato com textos longos, podemos impedir ou adiar o desenvolvimento das pessoas bem como subestimar sua capacidade de elaborar hipóteses e se esforçar para conquistar sua autonomia na leitura e na compreensão de textos de diferentes gêneros – sobretudo no que diz respeito a contratos, leis e normas e conceitos relacionados à convivência social e direitos humanos, como é o caso do público-alvo do Programa Morar Bem, Viver Melhor.

No que diz respeito a textos curtos ou curtíssimos, cabe acentuar que eles podem tanto dificultar a compreensão quanto causar compreensões distorcidas.

Ao reduzir um texto, o autor termina por priorizar a sua própria compreensão, reduzindo informações, detalhes, explicações e retomadas que seriam muito importantes para favorecer o

entendimento de quem lê. Por outro lado, também cabe frisar que nem todo texto curto é fácil de ser entendido.

Para que alguém se torne um leitor crítico, é preciso ter contato com diferentes textos, com bom vocabulário e que apresentem informações novas que possam ser integradas aos conhecimentos prévios que o sujeito já possui.



Para isso, o formador deve usar algumas estratégias:

- Elaborar roteiros de leitura dos textos longos, destacando pontos que são essenciais e sugerindo que os participantes grifem ou destaquem no texto.
- Elaborar questões por meio das quais as pessoas possam se sentir convidadas a recuperar ideias e experiências que permitam a elas elaborar hipóteses, ativar conhecimentos prévios e estabelecer relações com informações de outros textos que elas já tenham lido.
- Discutir e mostrar formas de registro das observações pessoais (escrever pequenas listas ou notas das informações que forem novas para quem leu).
- Antes da leitura, compartilhar o objetivo da leitura de um texto longo, justificando por que essa leitura é importante, procurando articular seu conteúdo a alguma experiência ou necessidade dos participantes.
- Oferecer informações adicionais que forem necessárias para a compreensão do texto, como esclarecer significados de palavras e construir exemplos que possam facilitar o entendimento de alguma passagem do texto escolhido.



Essas são questões importantes para o técnico social, já que as formações podem disparar a busca por novos conhecimentos e novas oportunidades para a vida dos participantes.

A partir das formações, os participantes, juntos, podem se sentir encorajados a voltar a estudar e a agir como cidadãos de direito. A leitura de textos longos pode ser um aliado nesse processo.

A seguir, serão tematizadas algumas oficinas que procuram ilustrar o uso de todas as sugestões feitas nesta primeira parte do Caderno do Formador.

Parte II

1. Oficinas

As oficinas são encontros de formação que têm como objetivo facilitar a relação com as informações e os conhecimentos que fazem parte dos Cadernos do Morador, material desenvolvido no âmbito do Programa Morar Bem, Viver Melhor.

Elas foram elaboradas procurando respeitar as especificidades do trabalho técnico social e estão ancoradas nos princípios defendidos pela CDHU no âmbito de suas políticas participativas, integradoras e informativas.

Elas pretendem servir como referência para a atuação do técnico social formador, de maneira que ele se aproprie da forma de fazer, da metodologia de ação planejada e discutida até o momento. Com isso, não se espera que elas sejam reproduzidas exatamente como são apresentadas, mas pede-se especial atenção para a maneira como foram planejadas, já que elas seguem princípios e postulados pedagógicos que se expressam, principalmente, na busca de coerência entre três grandes questões, que vale a pena retomar:

1. Qual conteúdo pretende mediar e qual a sua natureza?
2. Quem é o público-alvo da formação e quais são seus conhecimentos prévios?
3. Quais são as melhores estratégias para garantir que o conteúdo seja compreendido?

Essas questões orientaram os exemplos de oficinas que são apresentadas a seguir e não esgotam os temas e conteúdos tratados nos Cadernos que fazem parte do Programa. Por isso, o técnico social formador tem autonomia para criar e desenvolver outras oficinas, levando em conta a realidade de cada conjunto habitacional, das pessoas que vivem neles, suas necessidades formativas e também os desafios que são enfrentados no desenvolvimento do trabalho técnico social, considerando os recursos (tempos, espaços, materiais etc.) disponíveis.

Além disso, as oficinas apresentadas neste Caderno pretendem servir como referências pedagógicas. Em todas elas, será possível encontrar:

1. Um momento inicial de apresentação da oficina e dos seus objetivos.

2. Levantamento de conhecimentos prévios dos participantes: todas as pessoas, no curso da vida, utilizam os conhecimentos que já possuem quando precisam construir um novo conhecimento. Por isso, é importante que o formador faça perguntas ou proponha reflexões que as estimulem a lembrar e a usar o que já sabem sobre o conteúdo que será trabalhado. E todos os conhecimentos prévios são relevantes nos processos formativos, pois eles são a base para a construção de novos conhecimentos.

3. Contextualização: os conteúdos tratados em todas as oficinas precisam ser relacionados às necessidades ou experiências dos participantes. Por isso, o formador deve justificar por que o tema ou o conteúdo tratado é importante.

4. Desenvolvimento: ao desenvolver a oficina, o formador deve estar atento à natureza dos conteúdos. Em geral, conteúdos mais complexos – como os conceituais e atitudinais – requerem variação de estratégias ou uso de mais de uma estratégia em uma mesma oficina. Quando os temas e/ou conteúdos são mais fáceis, pode-se utilizar menos estratégias.

5. Sistematização e fechamento: ao final da oficina, é sempre importante que o formador faça uma síntese das aprendizagens construídas e que encerre o trabalho. Caso a oficina tenha continuidade em outro momento, é positivo deixar alguma proposição ou questão como tarefa para um próximo encontro.

No planejamento de uma oficina, além de considerar esses cinco pontos, é muito importante que o formador procure refletir a respeito da concepção que tem das três questões que foram expostas anteriormente. E, com elas, é essencial que ele reflita sobre o que pensa das pessoas e das comunidades nas quais atua.

A metodologia apresentada só faz sentido se for mediada por formadores que não naturalizem as formas de ser, pensar e agir das pessoas. É essencial fazer essa reflexão para que seja possível acolher as diferenças, valorizar as experiências que as pessoas já possuem, compreender suas dificuldades e contribuir com a formação das comunidades dos conjuntos habitacionais.

É muito importante ter respeito e ouvir o outro com disponibilidade e entender que todos nós estamos em processo de desenvolvimento, que somos inacabados e que, enquanto estamos vivos, podemos aprender e podemos mudar.

Pensando nisso, as oficinas procuram atender, também, a alguns pressupostos pedagógicos, por meio dos quais se espera que, participando dessas atividades, as pessoas possam:

- colocar em jogo tudo aquilo que já sabem, com base em suas experiências;
- ter problemas a resolver e decisões a tomar;
- refletir sobre desafios, às vezes difíceis, porém possíveis de serem solucionados;
- ter outras pessoas com as quais possam trocar ideias e construir conhecimento de forma colaborativa.

Para tanto, as oficinas foram desenvolvidas, pensando em grupos de até 30 pessoas, com base nas seguintes etapas: a) **apresentação e contextualização do tema**, b) **levantamento de conhecimentos prévios**, c) **desenvolvimento do tema** e d) **sistematização**, conforme exposto a seguir.

Oficina de formação geral – A história de Marlene

Temas principais: preconceito, direitos humanos.

Objetivos: estimular a reflexão sobre os desafios envolvidos na construção de consensos, superação de preconceitos e critérios usados para construir juízos sobre as pessoas; provocar os participantes a pensarem sobre a importância de respeitar as diferenças, como condição fundamental para a vida nos conjuntos habitacionais.

Desenvolvimento

O formador pode iniciar essa oficina estimulando os participantes a pensarem sobre o porquê de, às vezes, simpatizarmos mais com algumas pessoas que com outras.

Em seguida, pode-se perguntar se alguém já teve vizinhos dos quais não gostava e por qual motivo. Depois, pode dizer que as ideias preconcebidas que fazemos dos outros podem ser muito desafiadoras, aproveitando para convidar os participantes a realizarem a atividade a seguir.

Deve-se dividir os participantes da oficina em pequenos grupos ou em duplas, dependendo do número de pessoas. Cada grupo deverá receber uma cópia da história de Marlene, um pedaço de papel e caneta ou lápis para, depois da discussão, organizar uma lista dos personagens com os quais simpatizam mais ou menos, numerando-os de 1 a 6, com 1 para aquele com quem mais simpatiza e 6 para aquele com quem menos simpatiza.

A história de Marlene

Fazem parte dessa história seis personagens: Marlene, um barqueiro, um curandeiro, um padeiro, Pedro e Jorge. Marlene, Pedro e Jorge são amigos desde a infância. Na adolescência, Jorge quis namorá-la, mas ela recusou, alegando que estava namorando Pedro.

Um dia, Marlene decidiu visitar Pedro, que morava no outro lado do rio. Chegando ao rio, Marlene solicitou a um barqueiro, um homem negro, que fumava cachimbo e bebia vermute, que a transportasse para o outro lado.

O barqueiro, porém, disse a Marlene que esse era seu único ganha-pão, e pediu-lhe uma determinada quantia em dinheiro para fazer a travessia, um valor que Marlene não tinha e não podia pagar.

Ela contou ao barqueiro o seu grande desejo de se encontrar com Pedro, insistindo em que a transportasse para o outro lado. Por fim, o barqueiro aceitou, desde que ela pagasse seus serviços de algum jeito.

Marlene hesitou e resolveu consultar um curandeiro que morava ali perto. Ela bateu palmas e foi atendida por um padeiro, que vivia com o curandeiro e fazia tudo com ele. O curandeiro veio atender-lhe e ela lhe contou toda a história, o seu grande desejo de ver Pedro e o pedido do barqueiro, solicitando, ao final, um conselho. O curandeiro lhe disse: “Compreendo a situação, mas não tenho como dizer o que você deve fazer e

nem lhe dar nenhum tipo de conselho. Também pouco posso prever o seu futuro. Se você quiser, podemos conversar a respeito. Mas a decisão final é sua”.

Marlene retornou ao riacho e decidiu aceitar a proposta do barqueiro. Atravessou o rio e foi visitar Pedro. Chegando lá, ela passou os três dias mais felizes de sua vida.

Na manhã do quarto dia, Pedro recebeu um telegrama. Era a oferta de um emprego muito bem remunerado no exterior, algo que ele esperava havia muito tempo. Imediatamente, Pedro comunicou o fato a Marlene, arrumou as malas e a abandonou. No mesmo dia.

Marlene chorou e chorou. Caiu em uma tristeza profunda. Em seguida, resolveu dar um passeio e encontrou, por acaso, Jorge, a quem relatou o motivo de sua tristeza. Jorge compadeceu-se dela e levou-a a sua casa para consolá-la. Passado algum tempo, Marlene disse a Jorge: “Sabe, eu estava pensando. Naquele tempo em que você me pediu em casamento, eu não podia aceitar, porque eu não lhe amava o suficiente. Mas hoje eu penso que amo o bastante para me casar com você”.

Jorge retrucou, imediatamente: “É muito tarde. Não estou nem um pouco interessado em pegar restos e migalhas deixados por outro”.

(Autoria desconhecida)

Enumere os personagens atribuindo notas de 1 a 6, sendo 1 para o personagem com que você mais simpatiza e 6 para aquele com que você menos simpatiza.

1 - _____

2 - _____

3 - _____

4 - _____

5 - _____

6 - _____

Depois que os grupos enumerarem suas preferências, o formador deve pedir que cada grupo exponha suas escolhas e as razões das suas preferências. Nesse momento, deve observar com cuidado se essas razões estão motivadas por preconceitos de gênero em relação à Marlene (as pessoas podem acusá-la de ser volúvel ou prostituta) e ao curandeiro e ao padeiro (é comum as pessoas acharem que se trata de um casal homoafetivo, podendo expressar preconceitos em função disso). O mesmo pode ocorrer com o barqueiro, por ser negro, fumar e beber. Nesses casos, o formador deve problematizar que faltam elementos na narrativa para tirarmos conclusões precipitadas sobre os personagens.

Depois disso, deve sugerir que o grupo, coletivamente, proponha outra organização, tentando buscar um consenso e tentando se livrar de possíveis ideias preconceituosas. Essa discussão, que costuma ser demorada, deve ser sistematizada pelo formador, e ele deve chamar a atenção para o fato de que é importante respeitarmos as diferenças humanas, que comportamento, estilo de vida, gênero, profissão, arranjo familiar ou pertencimento a determinado grupo étnico-racial ou religioso não podem ser impedimento para a vida coletiva ou pretexto para julgar as pessoas. Em um conjunto habitacional, somos todos interdependentes e temos que ter disposição para conhecermos melhor as pessoas e convivermos com elas.

Oficina 1 – Caderno do Morador 1 – Manual do Proprietário

Tema: plantas.

Objetivo: discutir a importância de conhecer a planta das áreas externas e das unidades para buscar melhor qualidade de vida nos conjuntos habitacionais.

Desenvolvimento

O formador pode iniciar o levantamento dos conhecimentos prévios dos participantes perguntando: Por que é importante conhecer a planta dos nossos imóveis? É preciso conhecer, também, a planta das áreas comuns? Por quê?

Sugere-se aproveitar a experiência e os conhecimentos dos presentes. Pode ser que haja mestres de obras e pedreiros participando da reunião. Nesse caso, é interessante convidá-los para participar e pedir suas opiniões.

Espera-se que os participantes digam que conhecer a planta das áreas externas é importante para que todos compreendam como o projeto foi pensado, para decidir como esse espaço deve ser ocupado e como se deve regular o comportamento das pessoas. Vale o mesmo para a planta interna. Mas o desafio é justamente pensar nessas duas questões: Depois de conhecer a planta, como se pode ocupar melhor os espaços? E o que isso tem a ver com a regulação de comportamentos?

Em seguida, o formador pode exibir o **vídeo sobre plantas**, destacando alguns pontos e tomando os cuidados necessários, já expostos neste Caderno do Formador. Após assistir ao vídeo, as proposições podem ser retomadas em uma roda de conversa, por exemplo. Se perceber que o grupo está com dificuldade de pensar em respostas concretas, o formador pode estimular a análise dos **croquis/mapas das áreas comuns** e da **planta baixa** dos imóveis, que estão no **Caderno do Morador 1 – Manual do Proprietário**.

A leitura dos croquis das áreas externas pode ajudar a pensar em aspectos como: É necessário criar normas para circulação de veículos e de pedestres nas áreas externas? Temos tudo o que é necessário para garantir a segurança e o bem-estar de todos que utilizam os espaços comuns?

Já a leitura da planta baixa dos imóveis pode ser utilizada para dar dois encaminhamentos. Um encaminhamento possível é buscar informações, no **Caderno do Morador 1 – Manual do Proprietário**, que explicitem a importância de verificar **as medidas dos ambientes para garantir que os móveis e equipamentos caibam nesses espaços**.



Essa leitura é interessante para fomentar uma análise sobre as soluções que se pode buscar para ocupar melhor os espaços e para não haver problemas com tomadas e interruptores, por exemplo. Uma ocupação desordenada dos espaços pode levar as pessoas a utilizarem adaptadores ou extensões irregulares e a quebrarem paredes para instalar mais tomadas, colocando em risco a própria segurança e a dos outros condôminos.

Contudo, é importante que o formador esteja atento para casos em que a pessoa não tem recursos para mobiliar seu imóvel – e que, por isso, acabará aproveitando objetos que já possuía – ou nos casos em que as famílias são muito numerosas, o que as obriga a fazer ajustes no espaço das formas possíveis. Nesses casos, as famílias não podem ser responsabilizadas, mas orientadas a pensar em alternativas que não as coloquem em risco, conforme as orientações feitas no **Caderno do Morador 1 – Manual do Proprietário**, de procurar o síndico e de seguir as **normas para qualquer tipo de alteração ou reforma**. Cabe, também, dialogar sobre a importância de não ter atitudes que coloquem em risco a estrutura, os encanamentos e a rede elétrica.

Outro encaminhamento é discutir se os comportamentos das pessoas nas áreas comuns estão em conformidade com a projeção dos espaços e as melhorias que podem ser feitas neles.

Para sistematizar a atividade, o formador pode propor a elaboração de uma lista de ajustes necessários à ocupação e à utilização das áreas externas ou propor que os participantes, em grupos, procurem pensar em soluções que os ajudem a memorizar paredes que não podem ser quebradas, locais que não podem ser furados e que estratégias podem ser adotadas para ajudar nisso. Para tanto, pode estimular a busca de mais informações, necessárias para realizar a atividade, no **Caderno do Morador 1 – Manual do Proprietário**. Pensar em usar etiquetas coloridas, fazer pequenas marcações na planta baixa ou construir lembretes pode ajudar em atividades como essas. Para finalizar, o formador pode destacar a importância de ler com atenção o Manual do Proprietário.

Oficina 2 – Caderno do Morador 2 – Conhecendo a Moradia

Tema: contrato.

Objetivo: facilitar a compreensão das relações contratuais entre os mutuários e a CDHU.

Desenvolvimento

Ao iniciar a oficina, é importante esclarecer o objetivo da atividade e o que se pretende com ela. Em seguida, pode-se indagar aos participantes sobre quem já conhece o **Caderno do Morador 2 – Conhecendo a Moradia** e quem saberia dizer **o que é um contrato** e para que ele serve. Outra pergunta possível é: Por que é importante que todo mutuário conheça o contrato estabelecido com a CDHU?

Nesse momento, é muito importante anotar as respostas dos participantes – de forma sucinta –, para utilizá-las na atividade seguinte.

Uma das possibilidades para acolher os participantes e estimular sua participação é contar a fábula *Contrato leonino*, de Esopo. Ela pode ser contada oralmente ou mesmo ser lida em voz alta.

Contrato leonino

Conta-se que, certa vez, um leão, uma vaca, uma ovelha muito, muito mansa, e uma cabra combinaram de se juntar para caçar e dividir em partes iguais tudo aquilo que conseguissem juntos. Em certa ocasião, todos uniram forças e conseguiram caçar um veado. Pensando no trato que haviam feito, dividiram o animal em quatro partes iguais. Quando cada um ia tomar sua parte para si, o leão, franzindo as sobrancelhas, disse: “Bem, a primeira parte é minha, como dizia nosso combinado. A segunda parte também é minha, porque eu sou mais forte. A terceira parte é minha,

porque eu trabalhei mais que todo mundo. E, se alguém quiser a quarta parte, terá que lutar comigo para disputá-la. Se vencer, fica com ela”. A vaca não quis lutar porque se considerava muito honrada. A cabra era inocente demais para isso, e a ovelha era muito mansa. Foi assim que o leão acabou ficando com o veado inteiro só para ele.

Fonte: O leão, a vaca, a cabra e a ovelha. In: *Fabulas de Esopo*, com aplicações moraes a cada fabula. Paris, Typographia de Pillet Fils Ainé, 1848, p. 42. Disponível em: <<https://ia801406.us.archive.org/4/items/fabulasdeesopoco00aeso/fabulasdeesopoco00aeso.pdf>>. Acesso em: 4 Jul. 2017.

Ao término da leitura, cabe perguntar aos participantes o que eles acharam da história. Algumas questões podem se mostrar interessantes como:

- O que aconteceu? Será que o contrato estava claro para todas as partes?
- O que as partes lesadas poderiam/deveriam ter feito?
- Vocês sabiam que, por conta dessa fábula, costuma-se usar o termo “cláusula leonina”, para nos referirmos a partes de um contrato que só beneficiam a um dos lados envolvidos? O que é cláusula, mesmo? Quem lembra?

Aproveitando essa discussão, sugere-se que se preencha a primeira coluna do quadro a seguir.

Para saber mais		
O que já sabemos sobre contrato?	O que entendemos hoje e que não havíamos compreendido antes?	O que ainda queremos saber sobre contratos?

ESTEJA ATENTO



Histórias ficcionais podem ser recursos muito interessantes para chamar a atenção dos participantes, ativar conhecimentos prévios, promover reflexões e estabelecer relações e analogias. Deve-se, contudo, tomar cuidado para não utilizá-las com uma função moralizante ou como se tivessem uma única interpretação possível. Ao formador cabe utilizá-las como fontes de ilustração, exemplificação e/ou problematização de temas.

Outra questão a se observar é que ao surgir a palavra “veado”, na fábula, o formador deve estar atento a qualquer manifestação de preconceito de gênero ou homofobia, para intervir, caso isso aconteça.

Na sequência, o formador pode distribuir as seguintes situações-problema, em filipetas, para pequenos grupos e pedir que tentem formular uma resposta para elas:

1. Cláudia assinou um contrato de compra e venda, com financiamento imobiliário, mas parou de pagar as prestações, no 18º mês, porque perdeu o emprego. O que Cláudia pode fazer para regularizar sua situação?

2. José Carlos mora há 2 anos em um imóvel financiado. Ele já pode ser considerado proprietário desse imóvel? Justifique.

3. Judite já possui um imóvel financiado, no qual mora com seu marido e dois filhos. A namorada do seu filho está morando com eles e espera um bebê, que nascerá no segundo semestre. Como a casa é pequena para todos e como o filho e a nora estão desempregados, Judite e o marido decidiram financiar outro imóvel. Isso é possível? Justifique sua resposta.

4. Paulo se esqueceu de pagar a prestação do seu imóvel desse mês. O que ele deve fazer?

5. Marina está inadimplente com a CDHU há 3 meses. O que pode acontecer? O que ela pode fazer a respeito?

6. João, por problemas pessoais, não conseguiu efetuar o pagamento das prestações do seu imóvel. Ele está inadimplente há 6 meses. Recebeu cobranças nos primeiros meses e, na semana passada, recebeu uma intimação, entregue por um oficial cartorário, que informa o quanto tem de pagar pelas prestações e como seguir pagando as que vão vencer até a data prevista na intimação, além dos juros, impostos, taxas, dívida de condomínio e despesas da cobrança. Mesmo assim, ele não tem condições de arcar com essa despesa. Nesse caso, o que João deve fazer? Justifique.

7. Durante uma tempestade, Maria Clara, que está morando em seu apartamento há um ano e meio, percebeu um vazamento na janela do seu quarto e está com dúvidas se ela deve arcar com o reparo ou se deve procurar a construtora. Como podemos ajudá-la?

Depois de entregar as filipetas aos grupos, o formador deve assegurar que em todos os grupos tenham pessoas capazes de fazer a leitura. Deve, ainda, estar atento a possíveis dificuldades de compreensão para esclarecê-las, além de informar que o grupo tem até 30 minutos para resolver as questões. Após a conclusão, as questões devem ser socializadas, de modo que o formador estimule os outros grupos a participar da discussão, dizendo se concordam, discordam ou se querem complementar alguma resposta.

Novamente, é importante registrar uma síntese das discussões em papel, para utilizar na atividade seguinte.

Depois, o formador deve retomar o quadro “Para saber mais” e, analisando a primeira coluna, bem como o registro da discussão das situações-problema, deve preencher, com os participantes, a segunda coluna (“O que entendemos hoje...”).

Depois, sugere-se que o **vídeo sobre regularização contratual e financeira** seja exibido aos participantes, como estratégia para sistematizar o conteúdo trabalhado. Nesse caso, pede-se especial atenção para o tema “contratos”, sobretudo para os exemplos trabalhados no vídeo, como a situação do casal que se separou, na qual a pessoa que ficou com o imóvel precisa regularizar sua situação contratual. Outros momentos do vídeo podem ser utilizados pelo formador, dependendo dos conhecimentos prévios do grupo de participantes.

Para finalizar, pode-se fazer a pergunta que está na terceira coluna do quadro “Para saber mais”: O que ainda queremos saber sobre contratos?

Após a realização da oficina, é provável que os participantes comecem a refletir sobre as próprias experiências e que se sintam mais à vontade para colocar suas dúvidas. Nesse caso, como conclusão da oficina, o formador deve anotar as questões do grupo na terceira coluna do quadro e dar encaminhamento a elas em uma próxima oficina ou, caso isso não seja possível, construindo outra estratégia com o grupo, por exemplo.

Oficina 3 – Caderno do Morador 2 – Conhecendo a Moradia

Tema: uso de energia.

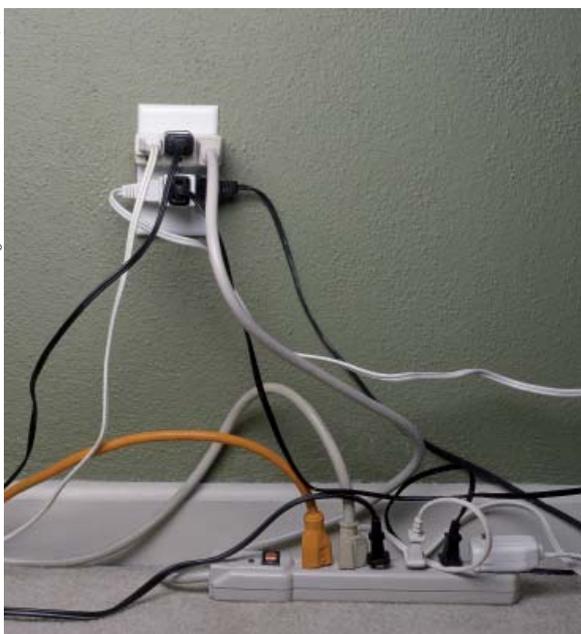
Objetivo: refletir sobre os cuidados com a utilização da energia e sobre as atitudes que podem promover sua economia.

Desenvolvimento

Para iniciar essa oficina, o formador pode apresentar o tema e ir perguntando ao grupo se todos sabem quais são os comportamentos mais comuns, no uso inadequado de energia elétrica, que podem causar sobrecarga de energia.

A ideia é que apareça, como exemplo, o uso dos chamados “benjamins”, que ligam vários aparelhos em uma mesma tomada. Outro bom exemplo é descobrir se alguém tem o hábito de procurar saber se a amperagem do chuveiro instalado nas unidades é compatível com a dos disjuntores. Nesse caso, é muito importante questionar se todos sabem por que isso é relevante e o que significa **amperagem**. Vale a pena fazer isso porque as pessoas costumam confundir voltagem com amperagem e é comum que não saibam que, quando esses cuidados não são tomados, podem-se provocar panes elétricas e até incêndios.

© Big Pans Production/Shutterstock, Inc



Nesse caso, cabe esclarecer que a **voltagem** é a tensão elétrica que circula entre dois pontos (por exemplo, entre a unidade de distribuição de energia e as nossas casas), enquanto a **amperagem** tem a ver com a estabilidade da corrente elétrica que chega às nossas moradias e que é “controlada” pelos disjuntores e pelos fios, os quais mantêm a estabilidade da carga elétrica transmitida por interruptores e tomadas.

Quando ligamos muitos aparelhos em uma mesma tomada, ou quando o chuveiro precisa de uma carga elétrica maior do que o sistema de energia de nossas moradias pode oferecer, ocorrem as panes elétricas, que vão desde as panes mais simples, que são aquelas que fazem os disjuntores “desarmarem”, até as mais complexas e que gerarão prejuízo, como derretimento de fios, inutilização dos disjuntores e danificação de aparelhos.

Depois dessa primeira abordagem, cabe questionar se alguém, entre os participantes, usa benjamins. Em caso afirmativo, cabe perguntar o que pode ser feito para resolver esse problema, buscando soluções que vão desde o uso de estabilizadores e filtros de linha até a troca das tomadas por outras mais adequadas aos aparelhos.



© rbilder/Shutterstock, Inc



© sNike/Shutterstock, Inc

Nesse momento, vale a pena retomar a **lista de cuidados para evitar sobrecarga**, apresentada no **Caderno do Morador 2 – Conhecendo a Moradia**.

Depois, para dar encaminhamento às atividades, o formador pode sugerir que os participantes formem pequenos grupos e, distribuindo uma folha, lápis ou caneta, sugerir que eles façam uma lista das atitudes que poderiam colocar em prática para economizar energia. Após dar um tempo para os grupos discutirem, entre 10 e 15 minutos, é interessante propor a socialização das discussões.

Ao mediar as discussões feitas pelos grupos, o formador deve estar atento para destacar as dicas que podem servir para todos, enfatizando-as e lembrando que elas podem ajudar as famílias a perceberem que essas medidas têm uma dupla finalidade: contribuir com o meio ambiente e reduzir os gastos familiares, ajudando com o orçamento.

Para finalizar, o formador pode retomar e destacar o trecho do **Caderno do Morador 2 – Conhecendo a Moradia** no qual pode ser vista a **relação entre a redução de gastos de energia e o equilíbrio do meio ambiente**.

Nesse caso, pode-se comparar as respostas dos grupos com o trecho destacado ou levantar outras atitudes possíveis, como tirar da tomada aparelhos como micro-ondas, TV, rádios e de internet, quando não estão sendo usados, já que eles consomem, em média, 12% do total de energia elétrica gasta em uma residência. Outra possibilidade é convidar o grupo a pensar no quanto isso significaria, em economia, para o orçamento doméstico. Caso haja eletricitas presentes na reunião, aproveite a oportunidade e convide-os para participar e contribuir com o grupo.

Oficina 4 – Caderno do Morador 2 – Conhecendo a Moradia

Tema: reciclagem e lixo doméstico.

Objetivo: discutir a importância do tratamento adequado do lixo e da reciclagem, como meios de desenvolver atitudes mais sustentáveis, promover saúde e ter melhor qualidade na vida coletiva.

Desenvolvimento

Para ativar os conhecimentos prévios dos participantes nessa oficina, é interessante que o formador se remeta aos conteúdos desenvolvidos no Caderno. Para tanto, pode-se colocar algumas questões como: Alguém sabe ou se lembra do quanto, aproximadamente, cada pessoa produz de lixo por dia? Quais as consequências que o armazenamento inadequado de lixo pode trazer, dentro de uma casa? E se pensarmos no destino inadequado do lixo em um conjunto habitacional inteiro?

Nesse caso, para buscar as respostas, pode-se novamente utilizar o Caderno ou um dos vídeos elaborados para complementar o conteúdo que está sendo discutido.

É possível, também, utilizar um conjunto de curtas-metragens de animação que tratam da temática de destino de lixo e reciclagem na internet. Na seguinte página eletrônica, é possível encontrar algumas opções interessantes: <www.youtube.com/watch?v=tax-EunoF-w> (acesso em: 4 Jul. 2017).



Em seguida, o formador precisa desenvolver alguma estratégia que ajude os moradores a relacionar as discussões feitas à sua experiência cotidiana. Sendo assim, é interessante continuar a oficina propondo que, em grupos, os moradores reflitam sobre os desafios que o conjunto habitacional, o bairro e a cidade enfrentam em relação ao destino do lixo, seu acondicionamento e os problemas relacionados a isso.

Uma possibilidade é propor que cada grupo pense em, pelo menos, dois problemas e duas soluções para essas questões.

Depois de dar um tempo para os grupos concluírem a atividade, a ideia é orientar a socialização das respostas, anotando-as em um quadro ou em uma folha de papel manilha, aglutinando respostas iguais ou semelhantes e elencando os principais problemas enfrentados em relação ao destino do lixo, bem como as soluções pensadas pelos grupos. Em seguida, deve-se debater as soluções, ponderando sua relação com a realidade, sua viabilidade e os recursos materiais e humanos necessários para executá-las.



Se o tema da reciclagem surgir como uma das soluções para a viabilização dos problemas que envolvem o lixo, é importante auxiliar os participantes a pensarem em como isso pode ser feito. E, nesse caso, pode ser necessário fazer uma campanha de conscientização no conjunto habitacional, criar orientações e dividir responsabilidades.

Se o tema não aparecer, será o formador quem deverá provocar essa reflexão, já que pode ser uma solução interessante para contribuir com o meio ambiente e para gerar receita, tanto para algumas famílias quanto para o condomínio.

Para finalizar, pode-se recorrer ao **Caderno do Morador 2 – Conhecendo a Moradia**, retomando os tópicos sobre reciclagem e, posteriormente, pensar em compostagem, o que poderia promover uma discussão sobre a possibilidade de se construir uma horta comunitária, ou ainda sobre o cuidado e a manutenção dos jardins do conjunto habitacional, caso houver.

Há alguns materiais de vídeo na internet que propõem uma discussão sobre agricultura urbana e periurbana (faixa periférica de transição entre os limites urbanos e rurais) e que podem auxiliar nessa proposta.



Confira o vídeo *Agricultura urbana e periurbana em São Paulo*. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=ZdMol_f9Cq0>. Acesso em: 4 Jul. 2017.

Oficina 5 – Caderno do Morador 2 – Conhecendo a Moradia

Tema: relações de vizinhança.

Objetivo: refletir sobre a importância dos vínculos e da manutenção das relações de vizinhança.

Desenvolvimento

Para iniciar essa oficina, o formador pode questionar qual a importância de se cultivar as relações de vizinhança e por que elas são importantes na vida coletiva. Em seguida, pode-se, ainda, questionar se essas relações são fáceis de serem construídas e vividas, no cotidiano.

Vale, também, perguntar o que pode dificultar uma boa relação com os vizinhos, listando ou enumerando as respostas dos participantes.



Para trazer mais leveza e ludicidade, o formador pode utilizar a letra da música *O quintal do vizinho*, do compositor e cantor Roberto Carlos, e pedir que reflitam se todos os vizinhos têm uma relação tão harmoniosa quanto a da música, pedindo que justifiquem suas respostas.

Na sequência, propõe-se o uso da dinâmica “O caso de Miguel”, que pode ajudar a problematizar o tema das relações de vizinhança.

Para aplicá-la, o formador pode:

- dividir os participantes em cinco grupos;
- distribuir entre eles os relatos nº 1 a nº 5, apresentados a seguir;
- pedir que os participantes leiam esses relatos.

Essa atividade deve durar aproximadamente 10 minutos.

O objetivo é discutir o comportamento de um homem chamado Miguel, a partir dos relatos feitos por sua mãe, pela faxineira, pelo zelador do edifício onde ele mora, pelo motorista do táxi que ele tomou e pelo garçom da boate que ele frequenta.

Em seguida, o formador pode propor que os grupos descrevam em detalhes como perceberam Miguel. Depois que o grupo colocar suas impressões, o formador deve ler o relato do próprio Miguel e voltar a provocar o grupo, indagando que reflexões a atividade despertou nele.

O caso de Miguel

RELATO Nº 1 – De sua mãe

Miguel levantou-se correndo, não quis tomar café nem ligou para o bolo que eu havia feito especialmente para ele. Só apanhou o maço de cigarros e a caixa de fósforos. Não quis colocar o cachecol que eu lhe dei. Disse que estava com pressa e reagiu com impaciência a meus pedidos para se alimentar e agasalhar-se direito. Ele continua sendo uma criança que precisa de atendimento, pois não reconhece o que é bom para si mesmo.

RELATO Nº 2 – Do garçom da boate

Ontem à noite, ele chegou aqui acompanhado de uma morena, bem bonita, por sinal, mas não deu a mínima bola para ela. Quando entrou uma loura, de vestido colante, ele me chamou e queria saber quem era ela. Como eu não a conhecia, ele não teve dúvidas: levantou-se e foi à mesa falar com ela. Eu disfarcei, mas só pude ouvir que ele marcava um encontro, às 9 da manhã, bem nas barbas do acompanhante dela. Sujeito peitudo!

RELATO Nº 3 – Do motorista de táxi

Hoje de manhã, apanhei um sujeito e não fui com a cara dele. Estava de cara amarrada, seco, não queria saber de conversa. Tentei falar sobre futebol, política, sobre o trânsito, e ele sempre me mandava calar a boca, dizendo que precisava se concentrar. Desconfio que ele seja daqueles que o pessoal chama de subversivo, desses que a polícia anda procurando ou desses que assaltam motorista de táxi! Aposto que anda armado. Fiquei louco para me livrar dele.

RELATO Nº 4 – Do zelador do edifício

Esse Miguel, ele não é certo da bola, não! Às vezes cumprimenta, às vezes finge que não vê ninguém. As conversas dele, a gente não entende. É parecido com um parente meu que enlouqueceu. Hoje de manhã, ele chegou falando sozinho. Eu dei bom-dia, e ele me olhou com um olhar estranho e disse que tudo no mundo era relativo, que as palavras não eram iguais para todos, nem as pessoas. Deu um

puxão na minha gola e apontou para uma senhora que passava. Disse, também, que quando pintava um quadro, aquilo é que era a realidade. Dava risadas e mais risadas... Esse cara é um lunático!

RELATO Nº 5 – Da faxineira

Ele anda sempre com um ar misterioso. Os quadros que ele pinta, a gente não entende.

Quando ele chegou, na manhã de ontem, me olhou meio enviesado. Tive um sentimento ruim, como se fosse acontecer alguma coisa. Pouco depois chegou a moça loura. Ela me perguntou onde ele estava e eu disse. Daí a pouco ouvi ela gritar e acudi correndo. Abri a porta de supetão e ele estava com uma cara furiosa, olhando para ela cheio de ódio. Ela estava jogada no divã e no chão tinha uma faca. Eu saí gritando: Assassino! Assassino!

Relato do próprio Miguel sobre o ocorrido naquele dia

Eu me dedico à pintura de corpo e alma. O resto não tem importância. Há meses que eu quero pintar uma Madona do século XX (20), mas não encontro uma modelo adequada, que encarne a beleza, a pureza e o sofrimento que eu quero retratar. Na véspera daquele dia, uma amiga me telefonou dizendo que tinha encontrado a modelo que eu procurava e propôs nos encontrarmos na boate. Eu estava ansioso para vê-la. Quando ela chegou, fiquei fascinado, era exatamente o que eu queria. Não tive dúvidas. Já que o garçom não a conhecia, fui até a mesa dela, me apresentei e pedi para ela posar para mim. Ela aceitou e marcamos um encontro no meu ateliê às 9 horas da manhã.

Eu não dormi direito naquela noite. Me levantei ansioso, louco para começar o quadro, nem pude tomar café, de tão afobado.

No táxi, comecei a fazer um esboço, pensando nos ângulos da figura, no jogo de luz e sombra, na textura, nos matizes... Nem notei que o motorista falava comigo.

Quando entrei no edifício, eu falava baixinho. O zelador tinha falado comigo, e eu nem tinha prestado atenção. Aí eu perguntei: “O que foi?”. E ele disse: “Bom dia!”. Nada mais do que bom dia. Ele não sabia o que aquele dia significava para mim. Sonhos, fantasias e aspirações... Tudo se tornaria real, enfim, com a execução daquele quadro. Eu tentei explicar para ele que a verdade era relativa e que cada pessoa vê a outra à sua maneira.

Ele me chamou de lunático. Eu dei risada e disse: “Está aí a prova do que eu disse. O lunático que você vê não existe”. Quando eu pude entrar, dei de cara com aquela velha mexeriqueira.

No ateliê, comecei a preparar a tela e as tintas. Foi quando ela chegou. Estava com o mesmo vestido da véspera e explicou que passara a noite em claro, em uma festa.

Aí eu pedi que sentasse no lugar indicado e que olhasse para o alto, que imaginasse inocência, sofrimento...

Aí ela me enlaçou o pescoço com os braços e disse que eu era simpático. Eu afastei seus braços e perguntei se ela tinha bebido. Ela disse que sim, que a festa estava ótima, que foi uma pena eu não ter estado lá e que sentiu minha falta. Enfim, que gostava de mim. Quando ela me enlaçou de novo, eu a empurrei, e ela caiu no divã e gritou. Nesse instante, a faxineira entrou e saiu berrando: “Assassino! Assassino!”.

A loura levantou-se e foi embora. Antes, me chamou de idiota. Então, eu suspirei e disse: “Ah, minha Madona!”.

Ao final da atividade, o formador pode problematizar o quanto a disposição que temos para julgar os outros pode servir para rotular as pessoas e como isso dificulta as relações de vizinhança.

Para dar prosseguimento, é interessante fazer uma roda de conversa, indagando os participantes sobre o que mais dificulta as relações de vizinhança no conjunto habitacional onde vivem e o que poderia ser colocado em prática para resolver esses problemas.

Nesse caso, é importante que o formador esteja atento para auxiliar na mediação de conflitos nas relações interpessoais, fazendo menção à importância de seguir as normas do condomínio, no caso dos conjuntos verticais, e as outras normas e leis que ajudam a regular alguns comportamentos coletivos, no caso de conjuntos horizontais.

Se os conflitos envolverem relações com crianças e jovens, é importante que o formador destaque que esse público precisa de espaços para recreação e socialização, incentivando a criação de ações nessa direção, como a organização de brinquedotecas, espaços de convivência, gincanas e campeonatos de esporte.

Para sistematizar a oficina, o formador pode propor que o grupo levante recomendações e sugestões de ações que possam ser apresentadas ao Corpo Diretivo, no caso dos condomínios verticais, ou ao coletivo de moradores, no caso de conjunto horizontal.

Oficina 6 – Caderno do Morador 3 – Habitação e Cidadania

Tema: políticas públicas.

Objetivo: facilitar a compreensão do conceito de política pública.

Desenvolvimento

Para iniciar a oficina, questione os participantes a respeito do que seria uma política pública. Anote as respostas em um pedaço de papel manilha. Em seguida, separe os participantes em grupos e ofereça cópias de algumas imagens ou anúncios que sugeriram campanhas ou propagandas de políticas públicas. Exemplos:





© Ministério do Meio Ambiente



© Secretaria de Comunicação/Governo Federal



© Secretaria de Comunicação/Governo Federal

O formador pode pedir a cada grupo que analise o que cada imagem representa e por que as mensagens que transmitem são importantes. Na sequência, cada grupo poderá apresentar suas conclusões.

Em seguida, como se trata de um conceito, o formador pode expor o conceito de política pública que está no **Caderno do Morador 3 – Habitação e Cidadania**.

Após a leitura, pode-se perguntar aos participantes se a apresentação do conceito facilita ou dificulta a compreensão sobre o que vem a ser **política pública**. Nesse caso, vale comparar o que entenderam sobre o conceito com as imagens que foram analisadas

pelos grupos, perguntando se o que viram nas imagens pode ou não pode ser considerado como uma política pública.

Quando perceber que a noção está mais clara para o grupo, o formador pode solicitar que os presentes relacionem quais são as políticas públicas mais importantes para a comunidade em que vivem e quais são os serviços para os quais podem se organizar para fazer reivindicações e buscar melhorias. Vale registrar as sugestões do grupo para retomá-las e aprofundá-las em outra oficina, ou mesmo para dar encaminhamentos futuros.

Nessa oficina, pode-se utilizar tanto o vídeo que trata do tema “direito e cidadania” quanto o vídeo sobre o tema “direito à cidade”. O primeiro pode ser utilizado no momento de expor o conceito de políticas públicas, e o segundo, para estimular a reflexão dos participantes acerca das melhorias das quais o conjunto habitacional e seu entorno necessitam e das formas de se organizar para conseguir realizar seus desejos e satisfazer suas necessidades.

Oficina 7 – Caderno do Morador 3 – Habitação e Cidadania

Tema: educação.

Objetivos: discutir a importância da educação escolar; refletir sobre as formas de participação dos pais na vida escolar dos filhos.

Desenvolvimento

O formador pode iniciar questionando se todos os presentes sabem a partir de que idade é obrigatório que as crianças frequentem a escola. Essa pergunta, além de servir para ativar os conhecimentos prévios, pode esclarecer o que muitas pessoas não sabem: a escolarização é obrigatória a partir de 4 anos de idade. Nesse caso, é importante enfatizar que a educação é um direito de todas as crianças e de todos os adolescentes e que ela precisa ser entendida dessa forma.

Em seguida, o formador pode provocar o grupo a pensar no direito à educação para crianças de 0 a 3 anos e informar que, embora a criança tenha direito à educação, a escolarização para essa faixa etária é facultativa. O Estado não tem obrigação de oferecer vagas para todas as crianças nessa faixa etária. Isso explica por que as vagas em creches são muito concorridas e há muitas filas de espera para conseguí-las. Por isso é que, na maioria das vezes, resta às famílias procurar o poder judiciário para conseguir matricular os filhos nas creches ou, caso tenham condições, matricular as crianças em escolas particulares.

Diante disso, é muito importante que a sociedade se mobilize para cobrar do poder público mudanças na lei que visem estabelecer a escolarização obrigatória desde a creche.

Após essa discussão, o formador pode propor uma roda de conversa com as famílias, sobre como pode ser a relação com as escolas onde seus filhos estudam. Nesse caso, vale

começar problematizando por que é importante que as famílias e a escola mantenham uma relação de parceria. A ideia é assegurar o direito das crianças e dos adolescentes à educação, mas muitas vezes as famílias têm dúvidas sobre como podem colaborar com o trabalho da escola.

Nesse sentido, pode-se propor a discussão das seguintes questões:

1. Será que os pais devem agir da mesma forma, no acompanhamento da vida escolar dos filhos, na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio?

2. Quais são as atitudes que podem ser colocadas em prática pelas famílias, para fortalecer a relação com a escola e contribuir com a educação dos filhos?

Para mediar esse debate, o formador deve observar se os participantes sabem o que significam essas **etapas da Educação Básica**, podendo recorrer ao **Caderno do Morador 3 – Habitação e Cidadania** para esclarecê-las ou retomá-las.

Depois de mediar as respostas trazidas pelo grupo, o formador pode trabalhar com as dicas a seguir, propondo a leitura e a discussão de cada um dos tópicos.

Os pais podem ajudar na escolarização dos filhos ao:

- conhecer a proposta pedagógica da escola e acompanhar se o que a escola declara está sendo executado;
- exigir que a escola faça reuniões periódicas, em horários que as famílias possam participar;
- cobrar atendimento adequado;
- observar se a escola emite, ao menos duas vezes ao ano, relatórios sobre as vivências, aprendizagens e produções dos filhos;
- verificar se os ambientes da escola são limpos e adequados ao desenvolvimento das atividades;
- certificar-se de que a escola cumpre as normas de segurança previstas na lei;
- observar se as salas de aula são lotadas, exigindo intervenções quando isso ocorrer. As escolas devem manter pelo menos um professor para 6 a 8 crianças de 0 a 2 anos, um professor para cada 15 crianças de 3 anos e um professor para cada 20 crianças de 4 a 6 anos. Quando as crianças são maiores, o ideal é que no ciclo de alfabetização não haja mais do que 25 crianças por professor e, nos anos subsequentes, esse número não seja superior a 30;
- manter boa relação com os funcionários da escola e exigir atendimento respeitoso e zeloso (e vice-versa).

Vale destacar também que as formas de acompanhamento das atividades escolares mudam, conforme os filhos crescem:

- Na Educação Infantil, é importante que os pais valorizem as produções das crianças, se interessem pelas histórias que são contadas na escola e pelas músicas que

as crianças cantam. Nessa fase, os pais devem observar como a criança chega da escola, como reage quando encontra os colegas na rua e como são os materiais e atividades que ela traz da escola.

- No Ensino Fundamental, sobretudo nos primeiros anos, é importante que a criança entre em contato com materiais escritos. Assim, é preciso incentivar a leitura e convidar a criança a participar de atividades de escrita simples, como escrever listas de compras, registrar telefones e endereços de parentes e amigos em agendas, ler rótulos e receitas em embalagens de produtos diversos, assim como promover o contato com gibis, revistas, folhetos e livros diversos, dentro das possibilidades da família. Nesse caso, vale procurar bibliotecas públicas próximas para frequentar ou até mesmo buscar doações e criar um espaço de leitura no próprio conjunto habitacional. Além disso, pode-se verificar se a escola tem salas de leitura ou biblioteca e incentivar a criança a frequentá-la.
- Nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, as famílias devem se manter atentas à frequência escolar das crianças e dos jovens e ao seu desempenho, acompanhando a vida escolar de forma mais sutil. Como estão entrando na adolescência, os filhos almejam autonomia e é importante que os pais contribuam para esse processo. Nesse caso, os pais podem demonstrar interesse em que os filhos contem como estão seus dias na escola, que desafios estão enfrentando, e demonstrar disposição em ajudar, sem que eles se sintam pressionados ou vigiados.

O formador pode encontrar outros subsídios para essa discussão na página eletrônica do Ministério da Educação (MEC), acessando as orientações dadas na página “Dia a dia do seu filho na escola”. (Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dia-a-dia-do-seu-filho/apresentacao>>. Acesso em: 4 Jul. 2017.)

Para finalizar a oficina, o formador pode questionar se todos os participantes concluíram a Educação Básica e fornecer informações sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA),

especialmente sobre os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA), que são alternativas para estimular o retorno aos estudos. Outra possibilidade é estimular a reflexão sobre as formas de prosseguimento nos estudos, no **Ensino Superior** ou na **Educação Profissional**. Em ambos os casos, pode-se recorrer ao próprio **Caderno do Morador 3 – Habitação e Cidadania**, que traz essas informações.

© Kamira/Shutterstock, Inc



Oficina 8 – Caderno do Morador 3 – Habitação e Cidadania

Tema: saúde.

Objetivo: refletir sobre as formas de promoção de saúde no conjunto habitacional.

Desenvolvimento

Esse encontro pode ser iniciado perguntando aos participantes o que entendem por saúde. Por que, quando alguém faz aniversário, costumamos desejar que a pessoa tenha saúde, destacando que isso é o mais importante que alguém deva ter na vida? Em seguida, pode-se questionar se, quando falamos em saúde, nos referimos somente à saúde física.

Nesse caso, é importante provocar o grupo a pensar que quando falamos em saúde não podemos separar o corpo da mente. Cuidar da saúde do corpo é muito importante, mas a saúde psíquica também é fundamental. Assim como nos preocupamos em nos alimentar bem, beber água, dormir bem, fazer atividades físicas, tomar vacinas, visitar o médico regularmente, devemos nos preocupar com saneamento básico, meio ambiente e em manter boas relações com as outras pessoas, viver relações que não sejam abusivas nem violentas e estarmos atentos aos nossos sentimentos e emoções. Tudo isso, conjuntamente, poderá promover o bem-estar ou debilitar a nossa saúde.

Sendo assim, sugere-se dividir os participantes em grupos e propor uma discussão sobre as seguintes questões:

1. Como tem sido o acompanhamento da saúde física dos moradores do nosso conjunto? Todos acessam os serviços do posto de saúde mais próximo?

2. Quais são os fatores que dificultam ou que prejudicam a promoção de saúde em nosso conjunto?

3. Como os problemas identificados poderiam ser resolvidos?

A proposta é que os grupos percebam que problemas como acondicionamento incorreto de lixo, acúmulo de entulho e existência de mato, por exemplo, podem favorecer a proliferação de insetos e de doenças diversas, inclusive as epidêmicas.

Interferência de Daniel Benevenuti sobre foto © Fernanda Catalão



Falta de cuidado com animais domésticos, que precisam de vacinação anual, é outro ponto de atenção. Conflitos e problemas causados pelas relações interpessoais também interferem na saúde. Por isso, o formador deve estar atento às questões que surgirem, para fazer a mediação adequada a cada contexto e a cada realidade.

Para finalizar, pode-se socializar as respostas e dividir tarefas para transformar as respostas da terceira questão em ações, construindo um plano para sua implementação.

Uma variação dessa oficina é mobilizar os moradores para fazer uma visita guiada na Unidade Básica de Saúde (UBS) mais próxima, com o objetivo de conhecer melhor as instalações e atividades desenvolvidas ali. Para isso, o formador deve entrar em contato com a administração da UBS para verificar se a atividade de visita é possível.

É provável que as pessoas não saibam que as UBS costumam desenvolver várias estratégias de promoção de saúde, como grupos de ginástica, passeios, ações de controle de peso, de pressão arterial etc., que se transformam em espaços de interação e socialização muito interessantes para a comunidade.

É possível, também, convidar um agente comunitário de saúde para participar dessa formação e, assim, contribuir com as discussões, bem como aproveitar a presença de moradores que sejam profissionais da área da saúde.

Oficina 9 – Caderno do Morador 3 – Habitação e Cidadania

Tema: cultura.

Objetivo: estimular formas de promoção de cultura nos conjuntos habitacionais.

Desenvolvimento

Essa oficina pode ser iniciada utilizando a canção *Comida*, dos Titãs, que pode ser encontrada com facilidade na internet. Nesse caso, vale perguntar por que a letra da canção diz que as pessoas querem diversão e arte?

Espera-se, com isso, que o formador estimule o grupo a pensar na importância das formas de viver, conviver e construir conhecimentos que tornam as interações humanas mais ricas e promotoras de sentido.

Cultura tem a ver com o que comemos, o que bebemos, o que vestimos, como dançamos e cantamos, representamos para fazer rir ou chorar, pintamos ou representamos nossos pensamentos e emoções, utilizando diferentes formas de comunicação.

Assim, recuperar as histórias do bairro, contar “causos” e experiências de vida, organizar festas típicas, espetáculos de teatro, dança e música, realizar oficinas de pintura, poesia e grafite, todas essas são formas de promover cultura e contribuir para a socialização e para as boas relações de vizinhança.

Nesse caso, é importante que as pessoas ocupem os espaços coletivos dos conjuntos habitacionais com atividades que tragam para os conjuntos a diversidade que existe na cidade.



Para ilustrar as diferentes formas de **ocupação dos espaços coletivos** dos conjuntos habitacionais com **atividades culturais**, o formador pode retomar o trecho sobre esse tema no **Caderno do Morador 3 - Habitação e Cidadania** e mostrar aos participantes as diversas formas de **manifestações populares** discutidas ali.

Em seguida, pode propor que o grupo pense em, ao menos, uma atividade que poderia ser desenvolvida no conjunto habitacional, a cada 2 meses.

As possibilidades são muitas: sarau, festa de comidas típicas, oficina de grafite, sessões de contação de histórias e relatos de experiências, apresentações musicais etc.



© homydesign/Shutterstock.com

Em grupos, os participantes podem pensar nos seguintes aspectos:

- Que atividades podemos fazer?
- Quem serão os responsáveis por cada ação?
- De quais recursos precisaremos?
- Como a atividade será divulgada?
- Quem organizará o desenvolvimento das atividades?
- Como e por quem o espaço será limpo e organizado após o término da atividade?

Para finalizar, as propostas podem ser discutidas e selecionadas, de maneira que o grupo decida pela sua viabilidade e realização.

Além de tudo isso, o formador deve aproveitar as manifestações culturais da cidade e organizar grupos para participar de atividades que estejam acontecendo no entorno: um circo que chega à cidade, uma apresentação de música no parque próximo ao conjunto, uma visita a um museu, uma ida ao cinema etc.

Oficina 10 – Caderno do Morador 3 – Habitação e Cidadania

Tema: lazer e esporte.

Objetivo: fomentar a organização de atividades de esporte e lazer nos conjuntos habitacionais.

Desenvolvimento

Assim como as atividades de cultura, as atividades de lazer podem ser meios importantes de socialização e de promoção da qualidade de vida. Por isso, o formador pode iniciar essa oficina questionando por que esporte e lazer, assim como cultura e educação, são direitos das pessoas.

Em seguida, ele pode estimular o grupo a pensar sobre o que poderia ser feito para que se planejem e se desenvolvam atividades de lazer e de esporte nos conjuntos habitacionais.

Nesse sentido, uma possibilidade é pensar em atividades direcionadas às crianças e aos jovens, adultos e idosos. Outra possibilidade é pesquisar como o conjunto pode acessar e buscar apoio no Programa CDHU – Esporte, Lazer e Cidadania.



Para isso, propõe-se que os participantes, em uma roda de conversa, discutam, pelo menos, três ações de lazer e esporte que poderiam ser executadas no conjunto onde moram, por exemplo:

- formar um grupo de alongamento e caminhada para adultos e idosos, aproveitando, por exemplo, instruções de profissionais de educação física acessadas pela internet, ou do professor de educação física da escola municipal/estadual mais próxima do conjunto;
- organizar um campeonato de jogos de tabuleiro e brincadeiras para as crianças;

- organizar jogos de equipe, como futebol ou vôlei, por exemplo, pensando nos jovens e nos adultos.

Assim como na organização das atividades de cultura, é importante decidir:

- quando ocorrerá a ação;
- quem serão os responsáveis por ela;
- que recursos serão necessários e como será possível obtê-los;
- quem se responsabilizará pela organização, limpeza e manutenção dos espaços que forem utilizados.

Depois de discutir esses aspectos, pode-se pensar em um calendário de execução de uma ou mais ações, identificando formas de divulgar e de propor essas atividades ao Corpo Diretivo, quando for o caso, ou ao coletivo de moradores dos conjuntos.

É possível, ainda, organizar saídas coletivas para desenvolver atividades de lazer e esporte em áreas próximas do conjunto, como:

- parques;
- campos de futebol (nesse caso, vale até formar um time do condomínio);
- pistas de *skate*;
- assistir a torneios e campeonatos etc.

Oficina 11 – Caderno do Condomínio – Gestão Condominial

Tema: gestão do condomínio e ata de assembleia.

Objetivo: apoiar o Corpo Diretivo nos desafios enfrentados na gestão do condomínio e na realização das assembleias dos conjuntos habitacionais verticais.

Desenvolvimento

Para iniciar essa oficina, o formador pode começar questionando o Corpo Diretivo sobre os principais desafios que estão sendo enfrentados na gestão do condomínio e na realização das assembleias.

Para tanto, propõe-se um trabalho com um quadro, a partir do qual o grupo consiga pensar em quatro dimensões:

O que já sabemos sobre a gestão do condomínio e sobre as assembleias?	Quais desafios estamos enfrentando atualmente?	Para enfrentá-los, o que precisamos saber ou conhecer?	Quem pode nos ajudar ou onde podemos buscar o conhecimento de que precisamos?

Depois que o grupo preencher o quadro, a ideia é que o formador auxilie-os a planejar como tirar dúvidas, resolver problemas de forma ordenada e buscar as informações de que precisa, sobretudo, aquelas que não puderem ser resolvidas no momento da oficina.

Em relação às atas de assembleia, pede-se especial atenção para a elaboração desse documento, visto que as pessoas costumam ter algumas dificuldades nesse aspecto.

Dessa forma, uma variação da oficina é trabalhar com o grupo a estrutura desse tipo de texto, os termos que devem ser utilizados, os erros que devem ser evitados e todos os procedimentos que devem ser adotados tanto na produção quanto no registro do documento.

Para tanto, vale discutir modelos de atas já elaboradas, procurando tanto exemplos que tragam erros mais frequentes quanto bons exemplos que podem ser tomados como referência.

O **Caderno do Condomínio – Gestão Condominial** traz exemplos e modelos de **como proceder nas assembleias e como fazer os registros**, o formador pode fazer exercícios e verificar quais os pontos fortes e fracos do Corpo Diretivo e, desse modo, apoiar seus membros a enfrentar os desafios para fazer uma boa **gestão do condomínio**, de forma participativa, organizada e democrática.

Oficina 12 – Caderno do Condomínio – Gestão Condominial

Tema: gestão financeira.

Objetivo: auxiliar o Corpo Diretivo nos desafios enfrentados em relação à gestão financeira das despesas dos condomínios.

Desenvolvimento

A aprendizagem dos procedimentos envolvidos na gestão financeira de recursos não é algo simples. Sobretudo para quem não está acostumado a ter que planejar e a operar montantes destinados à manutenção, conservação e melhoria de espaços condominiais.

Por isso, no levantamento de conhecimentos prévios em oficinas como essa, que abordam conteúdos procedimentais, a ideia é focar um tema específico, como balancetes ou diferentes formas de registro de receitas e despesas.

O importante, no tratamento desses conteúdos, não deve ser investigar conceitos, e sim investigar como o Corpo Diretivo tem feito a gestão financeira das receitas e despesas.

É exatamente essa a pergunta que favorece o levantamento de conhecimentos prévios sobre o tema e que pode preceder um trabalho com os desafios enfrentados na execução dessa gestão.



ESTEJA ATENTO

Sugere-se, neste Caderno do Formador, o uso frequente da palavra “desafio” em vez de “dificuldade”, porque o que as pessoas declaram como dificuldades geralmente não são. E como o termo “dificuldade” tem uma conotação negativa, é comum que as pessoas expressem aquilo que mais “salta aos seus olhos” e que nem sempre é um retrato das suas reais necessidades.

Ao identificar os desafios enfrentados na gestão financeira, sugere-se que o Corpo Diretivo os registre em filipetas de papel sulfite.

Depois que essa atividade for concluída, o formador pode discutir com o grupo os desafios que requerem resolução **urgente**, aqueles que requerem **atenção** e os que podem ser pensados em **longo prazo**. Para tanto, as filipetas podem ser coladas em um papel maior, cartolina ou manilha, por exemplo, separando-se essas categorias de desafios por cores:

(urgente)	(atenção)	(longo prazo)

Para finalizar, depois de ajudar o grupo a organizar os desafios elencados, a ideia é fazer um plano de execução e traçar as estratégias necessárias para enfrentá-los.

Um ponto de atenção para o formador está nos conteúdos relativos a movimentos de prestação de contas e gerenciamento de despesas e receitas, podendo ser necessário mostrar, construir manuais ou registrar instruções sobre como cada procedimento deve ser executado. Por isso, essa oficina pode gerar muitas outras, dependendo da quantidade de desafios que forem elencados pelos participantes.



Oficina 13 – Infantil

Tema: relações de vizinhança.

Objetivo: estimular a participação das crianças nas atividades do conjunto habitacional.

Desenvolvimento

A oficina pode ser iniciada com o formador perguntando às crianças se elas sabem o que é vizinhança e por que esse é um tema importante para ser discutido em um conjunto onde as pessoas compartilham os mesmos espaços. Em seguida, pode-se questionar: Será que é fácil conviver com os vizinhos? Depois que as crianças fizerem a exposição das suas ideias, o formador pode anunciar que lerá uma história sobre vizinhança para que todos conversem sobre ela. Trata-se de *O sanduíche da Maricota*, de Avelino Guedes.

Ao apresentar a história, é fundamental informar o título, o autor e perguntar se alguém conhece a história ou se conhece alguma outra do mesmo autor. Depois de ouvir as respostas, cabe ao formador esclarecer que a leitura servirá para que todos juntos possam refletir sobre como se pode conviver bem com os vizinhos.

É possível localizar a história *O sanduíche da Maricota* por meio de páginas de busca na internet.



Ao término da leitura, convém perguntar às crianças se gostaram da história e o que acharam dela. Também vale chamar atenção para alguns termos que podem ser desconhecidos das crianças, como “quirera” (milho quebrado em pedaços bem pequenos, com o qual se alimenta as aves). Outra situação que pode causar estranheza é o fato da galinha utilizar ovo em seu sanduíche. Nesse caso, o formador deve lembrar aos participantes que se trata de uma situação fictícia, discutindo com as crianças esse comportamento da galinha.

Durante a conversa, pode-se questionar as crianças sobre o que acharam das interferências dos vizinhos nas decisões da Maricota. Cabe, ainda, indagar sobre o que acharam do desfecho. Será que havia outra maneira de encaminhar a situação? Nesse momento, é interessante anotar as contribuições e, a partir disso, retomar a questão inicial: É fácil conviver com os vizinhos? O que podemos fazer para que a convivência seja melhor?

Na sequência, pode-se planejar com os participantes uma lista de questões que partam das próprias crianças, possibilitando que elas levantem o que acham que atrapalha a relação delas com os adultos e com os demais moradores.

A ideia é que o formador aproveite a visão das crianças, mas ao mesmo tempo ajude para que o questionário fique objetivo e claro. Uma possibilidade é formar duplas ou trios, tomando cuidado para que em cada grupo pelo menos uma das crianças seja alfabetizada, para que a atividade seja viável.

As questões poderão ser abertas ou fechadas, dependendo do que o grupo elaborar ou quiser saber. Caso a reprodução do questionário não seja possível, cabe pensar em uma amostra de moradores (por exemplo, uma família por andar de um edifício) para responder o questionário. Assim, poderão ser utilizadas apenas algumas folhas ou um caderno, nos quais as informações serão escritas à mão, pelas próprias crianças.

Sugestão de questionário

Em sua opinião, o que pode ser feito para melhorar a convivência entre os adultos e as crianças, no nosso conjunto habitacional?

Estabeleça com as crianças algumas regras, como:

1. Pedir que um membro do Corpo Diretivo ou um adulto responsável comunique às famílias que a atividade será desenvolvida.
2. Estabelecer um horário para que a atividade possa ser feita. Por exemplo, entre 15h e 17h e entre 18h e 20h, para respeitar a privacidade das famílias.
3. Combinar o que deve ser dito pelas crianças ao abordarem as famílias, por exemplo: “Você poderia contribuir com uma pesquisa de opinião do nosso condomínio, sobre vizinhança? É muito rápido e não tomaremos muito o seu tempo”.
4. Explicar como as crianças devem fazer o registro das respostas.

Para finalizar, o formador pode analisar e organizar as respostas obtidas com as crianças, produzir um informe com os resultados da pesquisa e apresentar aos adultos, bem como utilizar as respostas em outras oficinas.

Oficina 14 – Infantil

Tema: viver em coletividade.

Objetivo: refletir sobre os desafios de se viver em coletividade e a necessidade de colocar pontos de vista de forma respeitosa, de ouvir o outro, como uma das formas de se tomar decisões em conjunto.

Desenvolvimento

Para iniciar essa oficina, o formador pode estimular as crianças a pensar o que, na opinião delas, mais provoca brigas e desentendimentos entre as pessoas.



À medida que as crianças forem colocando suas impressões, é importante que o formador mostre a elas que uma das principais causas das dificuldades nas relações entre as pessoas se dá quando as pessoas não conseguem dizer com clareza o que desejam ou o que precisam e, também, quando não estão dispostas a ouvir o que o outro tem a dizer, e que isso muitas vezes causa conflitos e desentendimentos.

Para ilustrar como a comunicação é difícil, pode-se começar essa atividade propondo que o grupo brinque de telefone sem fio, de modo que o formador diga uma frase grande e com certa complexidade, justamente para mostrar como a mensagem vai se alterando quando passa de uma pessoa para outra.

Trava-línguas são boas opções, nesses casos. Sugere-se, por exemplo, uma frase como “A tia Carmela quebrou a tramela da janela”.



© Lorelyn Medina/Shutterstock, Inc

Quando a última criança disser a mensagem em voz alta, vale recuperar o quanto a mensagem se alterou até chegar a essa criança.

Vale também aproveitar para mostrar o quanto a comunicação é difícil e como é importante pensar sobre o que e como falar com os outros para deixar o mais claro possível o que precisamos.

Contudo, isso também não é fácil, por isso, sugere-se a formação de equipes para pensar nos desafios presentes na argumentação e na exposição de ideias.

Então, pode-se contar a seguinte história às crianças:

Faz de conta que estamos dentro de um carro, em uma estrada bem movimentada. De repente, avistamos uma capivara, cercada por um monte de gente, gritando, com paus e pedras nas mãos. Um grupo está defendendo a capivara, dizendo que o homem invadiu o território dela, portanto ela deve permanecer lá, e o outro grupo está defendendo que a capivara seja retirada dali, pois ela pode causar acidentes.

A partir disso, deve-se dividir as crianças em quatro grupos, propondo que:

- um grupo defenda todos os direitos da capivara;
- um grupo defenda os transeuntes;
- um grupo represente o papel da capivara, que precisa defender a si mesma;
- um grupo exerça o papel do juiz, que vai ouvir as partes e tomar uma decisão sobre o caso.

Cada grupo terá cinco minutos para falar. E, ao final, o juiz vai ter que dar a sua sentença.

Quando a atividade terminar, o formador deve provocar as crianças a pensarem na experiência vivida e a refletirem se as soluções encontradas são viáveis e se não há outras saídas possíveis, enfatizando que é sempre importante pensar em caminhos que levem em conta diferentes pontos de vista e que sejam melhores para todos; e que devemos nos esforçar para não privilegiar algumas pessoas e prejudicar outras.

Para finalizar, é importante deixar claro que, em um conjunto habitacional, o exercício da boa comunicação deve ser praticado o tempo todo e que todos devem compreender que precisam uns dos outros e que precisam estar sempre dispostos a falar e a ouvir.

Na conclusão, pode-se mostrar a canção *Todos juntos*, que faz parte da trilha sonora do espetáculo *Os saltimbancos*, de Chico Buarque, que pode ser encontrada com facilidade na internet.



Oficina 15 – Jovens

Tema: protagonismo juvenil.

Objetivo: estimular os jovens a participarem da vida coletiva nos conjuntos habitacionais.

Desenvolvimento

No sentido de estimular a participação dos jovens no cotidiano dos conjuntos, sugere-se desenvolver uma atividade em que eles possam construir um espaço de diálogo e de socialização e que, ao mesmo tempo, possam se sentir pertencentes às decisões coletivas.

O trabalho com jovens é um pouco mais desafiador do que aquele feito com as crianças, porque características da adolescência fazem que os jovens, por vezes, resistam a dialogar com os adultos e a fazer atividades com eles. Por essas razões, o formador deve ser mais sutil na abordagem com os jovens e fazer um convite bem cuidadoso, propondo um encontro exclusivo com eles.

A ideia é fazer um levantamento inicial dos jovens que vivem no conjunto habitacional e convidá-los, utilizando um comunicado por escrito. Uma boa estratégia é identificar um ou dois jovens que tenham mais disponibilidade e facilidade na comunicação e expor a eles que se pretende estimular a criação de um espaço de discussão, debates e reflexões sobre as necessidades dos jovens, coordenado por eles mesmos.

A partir disso, pedir a ajuda deles para convidar outros jovens para uma roda de conversa, em dia, horário e local predeterminado e que permita a participação do maior número de pessoas possível.

No encontro com os jovens, sugere-se começar expondo a importância de se criar um espaço no qual eles possam se encontrar, trocar ideias e contribuir com o conjunto habitacional, assim como ter suas necessidades compartilhadas e pensar em formas de atendê-las.

Além disso, deve-se explicar que o objetivo do encontro é pensar, com eles, na criação de um espaço onde isso possa ocorrer.

Na sequência, para estimular que os jovens interajam entre si e para quebrar uma possível timidez, sugere-se desenvolver dinâmicas que favoreçam o diálogo e a colaboração entre os participantes, conforme os exemplos a seguir.



Sugestão 1 – O “chute”

Materiais necessários: um recipiente de plástico transparente com um número grande de sementes, grãos (feijões, ervilhas, milho de pipoca) ou britas (aquelas pedrinhas de estacionamento). Somente o formador deve saber a quantidade exata das sementes/grãos/pedrinhas no recipiente.

Para começar, pede-se que os jovens formem um círculo, sentados no chão. Na sequência, deve-se pedir a cada um que diga seu nome e tente adivinhar quantas sementes/grãos/pedrinhas estão no recipiente. À medida que falam os nomes e a quantidade de sementes que julgam haver no recipiente, o formador pode anotar as informações em um papel ou em uma folha de cartolina, colocando o nome de cada jovem junto de seu “chute”.

Ao final da rodada, vence quem mais se aproximar da quantidade real de sementes/grãos/pedrinhas no recipiente. O vencedor pode ser premiado com bombons, balas ou pirulitos.

Dica: é interessante ofertar um pacote, estimulando, assim, que o vencedor possa compartilhar seu prêmio com os demais participantes.

Tempo de aplicação: 15 minutos.

Número máximo de pessoas: 30.

Número mínimo de pessoas: 2.

Sugestão 2 – A corrida da cabra-cega

Materiais necessários: para cada dupla de participantes, deve haver 2 moedas grandes e, 1 venda ou tapa-olhos (de pano ou outro tecido) e 1 cesto ou caixa de papelão.

O formador deve dividir os participantes presentes em duplas, depois de pedir que se apresentem um ao outro. Então, deve posicionar o cesto ou a caixa de papelão a certa distância de onde os jovens estiverem posicionados.

A dinâmica consiste em vender os olhos de um dos participantes da dupla e pedir que ele incline a cabeça a 45 graus. Na sequência, colocam-se duas moedas sob a venda que foi fixada nos olhos do participante.

A atividade consiste em girar todos os participantes que estiverem com os olhos vendados (em movimentos de 360 graus) e pedir que eles tentem atravessar a sala (ou o local onde a atividade estiver sendo realizada) e depositar no cesto ou caixa de papelão as moedas, sem usar as mãos.

Os participantes que não estiverem com os olhos vendados deverão orientar seus pares. Porém, a condição é orientar só com palavras, sem tocar em ninguém. Se as moedas caírem, a dupla deve voltar ao ponto de partida e recomeçar o jogo. Vence a brincadeira a dupla que conseguir depositar as moedas dentro do cesto.

O uso de dinâmicas como essas tem o objetivo de fazer que os jovens possam se integrar e ampliar as relações entre eles. Como se trata de jogos em que todos dividirão o mesmo espaço, essas propostas podem ser divertidas, provocando o riso e a interação entre os participantes. O formador pode estimular a troca de comentários e incentivar que os participantes falem uns com os outros.

Criado um clima propício à interação entre os jovens, pode-se fazer uma roda de conversa, estimulando-os a pensarem o que eles, enquanto grupo, poderiam fazer para criar espaços próprios de interação e convívio.

Sugere-se estimular a organização de pequenos eventos, como festas, jogos ou rodas de discussão sobre temas diversos, bem como outras formas de ocupação dos espaços que envolvam artes ou leitura. Nesse caso, o formador deve estar atento para aproximar interesses, valendo-se de temas como música, esportes, literatura, moda, entre tantos outros que podem servir para estimular o desenvolvimento de atividades em grupo.

Como inspiração pode-se contar a experiência de uma biblioteca comunitária, organizada e gerenciada por jovens da zona sul de São Paulo, que participam de um projeto chamado “Caminhos da Leitura”. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/arquivo/indicacao/jovens-lideram-biblioteca-comunitaria-dentro-de-cemiterio-na-periferia-de-sp/>>. Acesso em: 4 Jul. 2017.



Independentemente dos espaços e das atividades criadas, o importante é estimular os jovens a criarem seus próprios espaços. Eles precisam se sentir autores desses espaços e, dessa forma, responsáveis por sua organização e gerenciamento.

Outra possibilidade é construir um mural no qual os jovens, coletivamente, possam expor suas ideias, sugestões e dúvidas para a melhoria do condomínio.

Pede-se especial atenção ao formador, para que não apresente propostas prontas. Estudos e experiências contemporâneas de trabalho com jovens mostram que quanto mais eles próprios criam atividades para si, mais efetivo é o seu engajamento em atividades de socialização.



Oficina 16 – Jovens

Tema: relações de vizinhança.

Objetivo: estimular a criação de espaços livres e de convivência para os jovens.

Desenvolvimento

Uma das principais queixas dos jovens que vivem em conjuntos habitacionais é a falta de espaços físicos nos quais possam passar o tempo e se encontrar para interagir.

Por isso, o objetivo dessa oficina é estimular os jovens a procurarem um lugar que possa ser ocupado de forma permanente. Para isso, podem buscar a ajuda do Corpo Diretivo, nos condomínios, ou de responsáveis ou lideranças locais, nos conjuntos horizontais.

Não há necessidade de que seja um espaço muito grande, mas alguns cuidados precisam ser tomados. Quanto mais distante dos apartamentos ou casas, melhor, já que os jovens costumam ouvir música e falar alto, até pelas transformações orgânicas pelas quais passam na adolescência. Isso também permite certa liberdade em suas interações.

Encontrado o local, é importante averiguar a necessidade de se fazer algum tipo de limpeza ou organização do espaço. Caso haja mato, por exemplo, é importante capinar ou plainar um pouco o terreno com o uso de enxadas. Os próprios jovens podem ser mobilizados e participar desse processo, com a ajuda dos adultos. Esses espaços podem ser decorados com árvores e plantas, que podem ser obtidas mobilizando os jovens a procurarem a secretaria de meio ambiente do município para solicitar mudas de plantas e/ou flores.

O espaço de convivência dos jovens, que pode se transformar em um jardim, deve ter ao menos alguns bancos e mesinhas.



Os próprios jovens podem confeccionar os bancos ou pufes, utilizando pneus velhos, madeira ou sisal. Há muitos modelos de confecção de bancos ou pufes de pneu e garrafa PET, que podem ser localizados com facilidade em buscadores da internet.

Pode-se ainda usar, como mesinhas, carretéis e caixotes de madeira, que podem ser decorados pelos jovens, com a mediação do formador e de outros colaboradores. Assim como para os bancos, há muitas sugestões de confecção de mesinhas de madeira em páginas na internet.

Outra possibilidade é comprar pedaços de EVA, um material de látex de baixo custo, que podem servir para fazer tapetes, que os jovens podem usar para sentarem-se no chão e que têm boa durabilidade, resistindo ao calor e à chuva.

Uma vez organizados esses espaços, os próprios jovens, com a colaboração do Corpo Diretivo ou coletivo de moradores de seus conjuntos habitacionais, podem estabelecer diretrizes para o seu uso, manutenção e conservação.

Encerramento

Formador, mais uma vez reforçamos que as oficinas apresentadas neste Caderno têm como objetivo servir como referência e inspiração para que você possa desenvolvê-las ou, a partir delas, criar outras mais. O importante é que você dê sempre atenção às necessidades de cada grupo de moradores e às suas próprias vivências como formador, considerando os princípios propostos pelo Programa Morar Bem, Viver Melhor.

Para isso, você pode consultar este Caderno sempre que precisar aprofundar seus conhecimentos sobre estratégias de formação e sua articulação com o conteúdo dos outros cadernos que compõem este Programa.

É muito importante que os demais cadernos também sejam revisitados e lidos com atenção, sempre que necessário. Afinal, a preparação das oficinas implica planejamento e preparação das ações que serão desenvolvidas, além da produção e separação dos materiais que serão utilizados.

Esperamos, que este Caderno sirva como inspiração para que você invista na sua própria formação! Para isso, é fundamental que você adquira o hábito de fazer registros das formações que realiza e de trocar experiências com colegas de trabalho.

O registro é importante porque, por um lado, a memória não é suficiente para recuperar tudo o que acontece em uma formação – dada a riqueza das vivências possibilitadas por esses encontros – e, por outro, porque o registro permite analisar as experiências vividas, retirando-as do senso comum. Além de permitir retomar acontecimentos, situações e depoimentos significativos, criar formas de sintetizar as discussões, as observações, as dificuldades e os desafios da educação e da formação comunitária.

Afinal, não basta que o formador saiba o que deve ser feito. Ele precisa querer mais, ele precisa desejar e fazer sua prática de outras maneiras e modos, com os olhos e ouvidos atentos ao novo.

Vídeos

Para assistir aos vídeos, acesse:
www.cdhu.sp.gov.br



A planta do seu imóvel

O vídeo mostra como identificar elementos básicos da planta de um imóvel. Esse conhecimento é fundamental na hora de mudar para seu novo lar e instalar móveis, eletrodomésticos e utensílios. Veja como reconhecer os símbolos que indicam a localização de fios de energia, tubulações de água e gás e outras dicas para não ter prejuízo durante a mudança ou nas manutenções.

Aqui é o meu lugar

Adquirir um imóvel próprio traz mudanças significativas na vida das pessoas. No vídeo, moradores de conjuntos habitacionais relatam as transformações pelas quais passaram ao adquirir seu imóvel. Falam ainda sobre a qualidade de vida e como essa conquista gerou um sentimento de pertencimento e de integração com o espaço urbano ao passarem a exercer de forma mais efetiva seus direitos de cidadania.

Tudo em dia

Planejar a vida financeira é fundamental para ter mais tranquilidade; afinal, equilibrar o quanto você ganha com as suas despesas pode evitar problemas. O vídeo traz relatos de mutuários da CDHU que correram o risco de perder seus imóveis, mas que se organizaram e reverteram a situação, além de dicas para se livrar dos riscos do “contrato de gaveta” e de como a CDHU pode ajudar nessa questão.

Olha o gás!

Todo mundo sabe que com gás não se brinca! Mas você conhece os cuidados necessários na hora de instalar um botijão ou

mesmo lidar com o gás canalizado? Lembre-se: gás é uma substância inflamável, e qualquer faísca pode provocar uma explosão. No vídeo, você verá as práticas corretas de manuseio, além de normas que ajudarão a garantir a sua segurança e a de sua família.

Hora da manutenção

A manutenção do imóvel deve fazer parte do cotidiano de todo mutuário. Seja a manutenção preventiva ou a corretiva, elas são necessárias. Os imóveis da CDHU têm garantias, e é preciso estar atento aos cuidados no uso e aos prazos de garantia. O vídeo traz dicas sobre as necessidades de manutenção e a organização diária de um conjunto habitacional.

Trabalho Técnico Social

O vídeo mostra a importância do Trabalho Técnico Social desenvolvido pela CDHU com os seus mutuários. Apresenta os objetivos desse trabalho e a atuação das equipes da Superintendência de Desenvolvimento Social, que se dá por meio de oficinas e ações conjuntas com a população, visando fortalecer valores relacionados à cidadania e contribuir para a melhoria da qualidade de vida das famílias moradoras dos conjuntos da CDHU.

Relações de vizinhança

Veja nesse vídeo como grupos de moradores se organizaram para estimular as boas relações entre vizinhos em conjuntos habitacionais. São exemplos e dicas de práticas saudáveis e construtivas para compartilhar o espaço em comum e que você pode usar para desenvolver ações de respeito e de união entre os moradores do seu conjunto.

Habitação e sustentabilidade

No meio de um populoso bairro da cidade de São Paulo foi criado um viveiro-escola, no qual os moradores cultivam produtos orgânicos, gerando renda e promovendo eventos, além de debaterem as questões do bairro. O vídeo também mostra como é possível criar espaços com respeito ao meio ambiente e destaca atitudes sustentáveis dentro e fora dos conjuntos.

Você é parte da comunidade

Como buscar melhorias em seu próprio conjunto habitacional e expandir essas conquistas para a comunidade ao redor? O vídeo destaca a possibilidade dos moradores de conjuntos da CDHU de buscarem, coletivamente, ampliar seus direitos. Veja ainda estratégias que podem ser usadas para conquistar serviços e políticas públicas para atender as necessidades de todos.

A nova geração

Nesse vídeo vemos algumas possibilidades de ampliar a participação de jovens e crianças no cotidiano do conjunto habitacional onde vivem e convivem. Apresenta propostas de integração e formas de utilizar os espaços com criatividade, além de estratégias para envolver a nova geração em atividades do conjunto e da comunidade, baseadas nos princípios de cidadania.

Nossa cidade, seu direito

O vídeo mostra a cidade como espaço de conquista de direitos, de qualidade de vida e de garantia de acesso às políticas públicas. Apresenta também os dilemas e as desigualdades sociais que estão presentes no cotidiano das cidades. Além disso, destaca o papel do Estado na garantia dos direitos de todos e nas conquistas sociais, como a da casa própria.

O que é um condomínio?

Você pode cuidar do seu conjunto habitacional por meio de uma organização chamada “condomínio”. Mas como incentivar a participação e despertar a consciência dos moradores para a responsabilidade com o local onde moram? O vídeo traz dicas e orienta sobre a conservação de espaços e equipamentos comuns, tratando ainda da organização financeira da vida condominial.

Gestão financeira de um condomínio

Gerenciar um condomínio é assunto sério. A gestão pode ser feita com eficiência e transparência mediante o empenho do síndico e dos membros do Corpo Diretivo. O vídeo mostra como planejar despesas, controlar gastos e promover melhorias. Também, incentiva a participação dos moradores na divisão de responsabilidades para uma vida financeira condominial mais agradável.

Participação em assembleia e mediação de conflitos

Você sabia que a assembleia é a principal forma de decisão e de participação dentro de um condomínio? O vídeo apresenta os procedimentos para promover esse tipo de reunião e também traz exemplos de como os síndicos, os moradores e os demais membros do Corpo Diretivo podem ajudar a chegar a um consenso, por exemplo, sobre conflitos entre vizinhos.

Conjunto mais valorizado

Os cuidados com a manutenção, a conservação e, também, com a beleza do conjunto habitacional revelam a importância do patrimônio adquirido pelo mutuário da CDHU. O vídeo mostra os cuidados com a preservação que, além de valorizarem o seu patrimônio, podem reduzir gastos e, é claro, proporcionar mais segurança, bem-estar e qualidade de vida.